

Pierre Bourdieu

Compreender

02
19/09/12
12/11/14

Eu não gostaria de me prolongar aqui de maneira muito insistente em reflexões sobre teoria ou método destinados somente aos pesquisadores. “Nós só fazemos nos glosar uns aos outros”, dizia Montaigne. E mesmo se não fosse por isso, mas por qualquer outra razão, eu gostaria de evitar as dissertações escolásticas sobre hermenêutica ou sobre “a situação ideal de comunicação”; na verdade, eu creio que não há maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade que a de se ater aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos, o que decorre do caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga.

Não creio que por isso se possa remeter-se aos inumeráveis escritos ditos metodológicos sobre as técnicas de pesquisa. Por mais úteis que possam ser para esclarecer tal ou qual efeito que o pesquisador pode exercer “sem o saber”, lhes falta quase sempre o essencial, sem dúvida porque permanecem dominados pela fidelidade a velhos princípios metodológicos que são freqüentemente decorrentes, como o ideal da padronização dos procedimentos, da vontade de imitar os sinais exteriores mais reconhecidos do rigor das disciplinas científicas; não me parece, em todo caso que eles levem em consideração tudo aquilo que sempre fizeram, e sempre souberam os pesquisadores que respeitavam seu objeto e os mais atentos às sutilezas quase infinitas das estratégias que os agentes sociais desenvolvem na conduta comum de sua existência.

Muitas dezenas de anos de prática da pesquisa sob todas as suas formas, da etnologia à sociologia, do questionário dito fechado à entrevista mais aberta, convenceram-me que esta prática não encontra sua expressão adequada nem nas prescrições de uma metodologia freqüentemente mais cientista que científica, nem nas precauções anticientíficas das místicas da fusão afetiva. Por estas razões me parece indispensável tentar explicar as intenções e os princípios dos procedimentos que nós temos colocado em prática na pesquisa cujos resultados apresen-

tamos aqui. O leitor poderá assim reproduzir na leitura dos textos o trabalho de construção e de compreensão de que eles são o produto.¹

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos.² Sem dúvida a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas; acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas; e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica.

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexiva*, baseada num "trabalho", num "olho" sociológico, permite perceber e controlar no campo, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas.

O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se

1. Durante diferentes reuniões de trabalho, eu expus os objetivos da pesquisa e os princípios (provisórios) da entrevista que eu havia tirado de experiências realizadas desde muitos anos por mim mesmo ou por alguns colaboradores próximos (Rosine Christin, Yvette Delsaut, Michel Pialoux, Abdelmalek Sayad principalmente). A escolha dos temas e da forma possíveis da entrevista em função das características sociais do pesquisado potencial foi, a cada vez, atentamente examinada. Em muitos casos, a escuta ou a leitura da primeira entrevista suscitaram novas perguntas (de fato ou de interpretação) levando a uma segunda entrevista. Em consequência, os problemas, as dificuldades e os ensinamentos que uns e outros encontraram no curso da realização das entrevistas que eles estavam conduzindo foram regularmente submetidas à discussão durante mes semanas do Collège de France de 1991/1992. É na confrontação contínua das experiências e das reflexões dos participantes que o método foi pouco a pouco aparecendo, pela explicitação e a codificação progressivas das providências realmente tomadas.

2. A oposição tradicional entre os métodos ditos quantitativos, como a pesquisa por questionário, e os métodos ditos qualitativos como a entrevista, mascaram que eles têm em comum se apoiarem nas interações sociais que ocorrem sob a pressão de estruturas sociais. Os defensores das duas categorias de métodos têm em comum ignorar estas estruturas, como os etnometodólogos, cuja visão subjetivista do mundo social os leva a ignorar os efeitos que as estruturas objetivas exercem não somente sobre as interações (entre médicos e enfermeiros por exemplo) que registram e analisam, mas também na sua interação com as pessoas submetidas à observação ou à interrogação.

esforça para compreender
táveis, de construção

Uma comunicação

Tentar saber o primeiro lugar tenta esta espécie de intrusão (especialmente pela ou recusados, etc.) é a da pesquisa em que ela busca e explora efetivamente sob a finalidade da pesquisa a finalidade que o pesquisador não pode, as condições que encorajam a acentuar

É o pesquisador que geralmente, atribui à os objetivos e hábitos. Esta dissimetria é recíproca: o pesquisador ocupa uma posição de espécie de capital, econômico e simbólico, em relação a relação no mesmo, entre todos os que estão dotados.

Levando em conta os esforços para fazer (os); quer dizer, mais precisamente, que se pode exercer a escuta ativa e metódica dirigida, quanto do dirigido que não é fácil de se obter a totalidade total em relação à história particular, que é menos controlado, a adoção de seus sentimentos, em seu conhecimento das condições

esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente.

Uma comunicação “não violenta”

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras.

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural. O *mercado dos bens lingüísticos e simbólicos* que se institui por ocasião da entrevista varia em sua estrutura segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado ou, o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os lingüísticos, dos quais estão dotados.

Levando em conta estas duas propriedades inerentes à relação de entrevista, esforçamos-nos para fazer tudo para dominar os efeitos (sem pretender anulá-los); quer dizer, mais precisamente, para *reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através dele*. Procurou-se então instaurar uma relação de *escuta ativa e metódica*, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário. Postura de aparência contraditória que não é fácil de se colocar em prática. Efetivamente, ela associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria.

Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir, como o faz espontaneamente todo "bom" pesquisador, no que pode ser consciente ou inconscientemente controlado na *interação*, principalmente o nível da linguagem utilizada e todos os sinais verbais ou não verbais próprios a estimular a colaboração das pessoas interrogadas, que não podem dar uma resposta digna desse nome à pergunta a menos que elas possam delas se apropriar e se tornarem os sujeitos. Deve-se agir também, em certos casos, sobre a própria *estrutura* da relação (e, por isso, na estrutura do mercado lingüístico e simbólico), portanto na própria *escolha* das pessoas interrogadas e dos interrogadores.

A imposição

Algumas vezes é surpreendente que os pesquisados possam ter tanta boa vontade e complacência para responder a perguntas tão absurdas, arbitrárias ou deslocadas como tantas daquelas que lhe são freqüentemente "administradas", principalmente nas pesquisas de opinião. Isto posto, é suficiente ter feito uma única entrevista para saber a que ponto é difícil concentrar continuamente sua atenção no que está sendo dito (e não somente nas palavras) e antecipar as perguntas capazes de se inscreverem "naturalmente" na continuidade da conversação seguindo uma espécie de "linha" teórica. Isto quer dizer que ninguém está livre do efeito de imposição que as perguntas ingenuamente egocêntricas ou, simplesmente, desatentas podem exercer e sobretudo livre do efeito contrário que as respostas assim extorquidas correm o risco de produzir no analista, sempre disposto a levar a sério, na sua interpretação, um artefato que ele mesmo produziu sem o saber. Assim,

por exemplo, quando um pesquisador continuando a ser tanto atencioso quanto atento, pergunta à queimadoura a um operário metalúrgico, que acabava de lhe dizer quanta sorte ele teve de ficar toda sua vida na mesma oficina, se ele, "pessoalmente", estava, "prestes a partir de Longwy", e ele obtém, depois de passado o primeiro momento de franca surpresa, uma resposta delicada do tipo daquelas que o pesquisador e o codificador apressado dos institutos de pesquisa registrarão como uma aquiescência; "Agora [tom de surpresa]? Para quê? Partir... Eu não vejo a utilidade... Não, eu não creio que eu deixarei Longwy... Essa idéia ainda não tinha me passado pela cabeça... Além disso minha mulher ainda trabalha. Isso pode ser um freio... Mas deixar Longwy... Eu não sei, pode ser, por que não?... um dia... Eu não sei não... Mas eu não penso nisso agora. Eu ainda não pensei nisso porque eu estou... Eu não sei, porque não [risos], eu não sei, nunca se sabe..."

Tomou-se p
lher os pesquis
ser apresentad
aridade assegu
cação "não viol
próximo daque
garantias contr
tivas; suas esco
revelados pela
um acordo ime
nentes aos cont
são apropriad
intencional, de
que indicam qu
foi interpretado

Mas o univ
ções otimizadas
de posição pod
tas categorias
Para tentar ente
fizemos nas d
consiste em rep
uma posição so
procura de info
ficar os pesquis
Labov recorreu
neutralizar os e
negros que con
todas as vezes q
da relação de pe
sem ter acesso
jávamos atingir

3. Estes sinais de fe
também os aceno
corporais ou verb
da boa continuaçã
suficientes para ca
colocados no man

Tomou-se por isso a decisão de deixar aos pesquisadores a liberdade de escolher os pesquisados entre *pessoas conhecidas* ou pessoas às quais eles pudessem ser apresentados pelas pessoas conhecidas. A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação "não violenta". De um lado, quando o interrogador está socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livres; reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise. Por outro lado, encontra-se também assegurado neste caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e às formas da comunicação: esse acordo se afirma na emissão apropriada, sempre difícil de ser produzida de maneira consciente e intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com os sinais verbais, que indicam quer como tal o qual enunciado deve ser interpretado, quer como ele foi interpretado pelo interlocutor.³

Mas o universo das categorias sociais que podem ser atingidas pelas condições otimizadas de familiaridade tem seus limites (mesmo quando as homologias de posição podem também fundamentar afinidades reais entre o sociólogo e certas categorias de pesquisados, magistrados ou educadores sociais por exemplo). Para tentar entender o mais plenamente possível, nós poderíamos também, como fizemos nas diferentes pesquisas anteriores, recorrer a estratégias como a que consiste em *representar papéis*, compor a identidade de um pesquisado ocupando uma posição social determinada para fazer falsas diligências de aquisição ou de procura de informação (principalmente por telefone). Aqui, optamos por diversificar os pesquisadores fazendo um emprego metódico da estratégia à qual William Labov recorreu em seu estudo sobre o modo de falar dos negros do Harlem: para neutralizar os efeitos da imposição da língua legítima, ele havia pedido a jovens negros que conduzissem a pesquisa lingüística; do mesmo modo nós tentamos, todas as vezes que era possível, de neutralizar um dos maiores fatores de distorção da relação de pesquisa instruindo com as técnicas da pesquisa pessoas que pudessem ter acesso, em razão da familiaridade, a categorias de pesquisados que desejávamos atingir.

3. Estes sinais de *feedback* que E.A. Schegloff chama *response tokens*, os "sim", "ah bom", "certo", "oh!" e também os acenos de cabeça aprovadores, os olhares, os sorrisos e todas as *information receipts*, sinais corporais ou verbais de atenção, de interesse, de aprovação, de incentivo, de agradecimento, são a condição da boa continuação da troca (a tal ponto que um momento de desatenção, de distração do olhar são em geral suficientes para causar uma espécie de embaraço para o pesquisado, e a fazê-lo perder o fio de sua entrevista); colocados no momento certo, eles atestam a participação intelectual e afetiva do pesquisador.

Enquanto um jovem físico interroga um outro jovem físico (ou um ator um outro ator, um desempregado um outro desempregado, etc.) com o qual ele compartilha a quase totalidade das características capazes de funcionar como fatores explicativos mais importantes de suas práticas e de suas representações, e ao qual ele está unido por uma relação de profunda familiaridade, suas perguntas encontram sua origem em suas disposições objetivamente dadas às do pesquisado; as mais brutalmente objetivantes dentre elas não têm nenhuma razão de parecerem ameaçadoras ou agressivas porque seu interlocutor sabe perfeitamente que eles compartilham o essencial do que elas o levarão a dizer e, ao mesmo tempo, os riscos aos quais ele se expõe ao declarar-se. E o interrogador não pode nunca esquecer que objetivando o interrogado, ele se objetiva a si mesmo como provam as correções que ele introduz em tantas de suas perguntas, passando do *você* objetivo ao *se* que leva a um coletivo impessoal, depois ao *nós*, onde ele afirma claramente que a objetivação também lhe diz respeito: "Quer dizer que todos os estudos que *você* fez, que *se* fizeram, *nos* fizeram gostar mais da teoria." E a proximidade social com a pessoa interrogada é sem dúvida o que explica a impressão de mal-estar que quase todos os interrogadores que estão colocados numa tal relação disseram ter experimentado, às vezes durante toda a entrevista, às vezes a partir de um momento preciso da análise: em todos estes casos efetivamente, o interrogatório tende naturalmente a tornar-se uma socialização a dois na qual o analista está preso, e é posto à prova, tanto quanto aquele que ele interroga.

Mas a analogia com a estratégia empregada por Labov não é perfeita: não se trata somente de captar um "discurso natural" tão pouco influenciado quanto possível pelo efeito da dissimetria cultural; deve-se também construir cientificamente esse discurso de tal maneira que ele forneça os elementos necessários à sua própria explicação. As exigências impostas aos pesquisadores ocasionais encontram-se consideravelmente acrescidas e embora se tivesse feito com cada um deles entrevistas prévias destinadas a recolher toda informação que eles dispunham sobre o pesquisado e definir com eles as grandes linhas de uma estratégia de interrogação, um bom número de pesquisas realizadas nestas condições foram excluídas da publicação: elas quase que só apresentavam dados sociolinguísticos incapazes de fornecer os instrumentos de sua própria interpretação.⁴

4. Uma das maiores razões desses reveses reside sem dúvida no acordo perfeito entre o interrogador e o interrogado que deixa mover em total liberdade a tendência dos entrevistados de dizer tudo (como a maioria dos testemunhos e dos documentos históricos), menos o que é óbvio, o que é natural (por exemplo a atriz, sem dúvida quando ela se dirige a um ator passa em silêncio todo um conjunto de pressupostos concernentes às hierarquias entre os gêneros teatrais, os diretores, e também as oposições constitutivas do campo do teatro num certo momento). Toda interrogação se encontra então situada entre dois limites sem dúvida nunca atingidos: a total coincidência entre o pesquisador e o pesquisado, onde nada poderia ser dito porque, nada sendo questionado, tudo seria natural; a divergência total onde a compreensão e a confiança se tornariam impossíveis.

Àqueles casos em que o sociólogo consegue se dar de algum modo um substituto juntam-se as relações de pesquisa nas quais ele pode superar parcialmente a distância social graças às relações de familiaridade que o unem ao pesquisado e à franqueza social, favorável ao falar francamente, que assegura a existência de diversos laços de solidariedade secundária próprios a dar garantias indiscutíveis de compreensão simpática: as relações de família ou as amizades de infância ou, segundo certas pesquisadoras, a cumplicidade entre mulheres, permitem, em mais de um caso, superar os obstáculos ligados às diferenças entre as condições e, particularmente, o temor do desprezo de classe que, quando o sociólogo é percebido como socialmente superior, vem freqüentemente redobrar o receio muito geral, senão universal, da objetivação.

Um exercício espiritual

Mas todos os procedimentos e todos os subterfúgios, que podemos imaginar para reduzir a distância, têm seus limites. Ainda que a transcrição deixe escapar o ritmo, o tempo do oral, basta ler em seguida algumas entrevistas para ver tudo o que separa as falas arrancadas pedaço por pedaço dos pesquisados mais afastados das exigências táticas da situação de pesquisa e os discursos daquelas que são ajustados por antecipação (às vezes muito bem) à pergunta, assim, pelo menos, como eles a concebem. Eles dominam tão perfeitamente a situação que conseguem às vezes impor sua definição do jogo ao pesquisador.

Quando nada vem neutralizar ou suspender os efeitos sociais da dissimetria ligada à distância social, não se pode esperar conseguir obter declarações tão pouco marcadas quanto possível pelos efeitos da situação de pesquisa senão ao preço de um trabalho incessante de construção. Paradoxalmente, este trabalho está destinado a ficar tanto mais invisível quanto mais bem sucedido ele for e quanto mais ele conduzir a uma troca de todas as aparências do "natural" (entendido como o que acontece comumente nas trocas comuns da existência cotidiana).

O sociólogo pode obter do pesquisado mais distanciado de si socialmente que ele se sinta legitimado a ser o que ele é se ele sabe se manifestar, pelo tom e especialmente pelo conteúdo de suas perguntas as quais, sem fingir anular a distância social que o separa de si (diferente da visão populista que tem como ponto cego seu próprio ponto de vista), ele é capaz de se colocar em seu lugar em pensamento.

Tentar situar-se em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social para o necessitar a partir desse ponto e para decidir-se de alguma maneira por ele (no sentido em que Francis Ponge falava de *optar pelas coisas*), não é executar a "projeção de si em outrem" do qual falam os fenomenólogos. É dar-se

uma *compreensão genérica e genética* do que ele é, fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é o produto: domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto da categoria da qual eles fazem parte (as dos estudantes, dos operários, dos magistrados, etc.) e domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados à sua posição e à sua trajetória particulares no espaço social. Contra a velha distinção diltheyana, é preciso ser dito que *compreender e explicar são a mesma coisa*.

Esta compreensão não se reduz a um estado de alma benevolente. Ela é exercida de maneira ao mesmo tempo inteligível, tranqüilizadora e atraente de apresentar a entrevista e de conduzi-la, de fazer de tal modo que a interrogação e a própria situação tenham sentido para o pesquisado e também, e sobretudo, na problemática proposta: esta, como as respostas prováveis que ela provoca, será deduzida de uma representação verificada das condições nas quais o pesquisado está colocado e daquelas das quais ele é o produto. Pode-se então dizer que o pesquisador não tem qualquer possibilidade de estar verdadeiramente à altura de seu objeto a não ser que ele possua a respeito um imenso saber, adquirido talvez ao longo de uma vida de pesquisa e também, mais diretamente, durante entrevistas anteriores com o próprio pesquisado ou com informantes. A maior parte das pesquisas publicadas representam, sem dúvida, um momento privilegiado em uma longa série de trocas, e não têm nada em comum com os encontros pontuais, arbitrários e ocasionais, das pesquisas realizadas às pressas por pesquisadores desprovidos de toda competência específica.

Mesmo que ela só se manifesta de maneira totalmente negativa, inspirando sobretudo as precauções e as atenções que determinam o pesquisado a ter confiança e a entrar no jogo, ou excluindo as perguntas forçadas ou mal colocadas, é esta informação prévia que permite improvisar continuamente as perguntas pertinentes, verdadeiras *hipóteses* que se apóiam numa representação intuitiva e provisória da fórmula geradora própria ao pesquisado para provocá-lo a se revelar mais completamente.⁵

5. Sobre este ponto, como sobre todos os outros, sem dúvida seríamos melhor compreendidos se pudéssemos dar exemplos dos erros mais típicos, que encontram quase sempre seus fundamentos na inconsciência e na ignorância. Algumas virtudes de uma interrogação atenta a seus próprios resultados estão destinadas a passar despercebidas pois se manifestam principalmente em ausências. Daí o interesse dos interrogatórios burocráticos que serão analisados mais adiante: verdadeiros exames em arte de viver nos quais o investigador, encerrado em seus pressupostos institucionais e suas certezas éticas, mede a capacidade dos investigados em adotar a conduta "conveniente", fazem aparecer, em contraste, todas as perguntas que o respeito fundado no conhecimento prévio leva a excluir que elas são incompatíveis com uma representação adequada da situação da pessoa interrogada ou da filosofia de ação que estabelece na prática.

Ainda que e
tico associado
fundado contin
não corresponde
se encontram na
clarações mais c
não uma atençã
iniciou. Nós tod
de vizinhança,
aprendemos at
impessoal, o dra
de economia de p
E então, mesmo
da simpatia pess
favorecida pela i
história de uma
generalidade os d
distráido e banal
os lugares-comun
como sendo seus
tizado e literariam
seus meios, dese
acreditamos ser
de mais difícil pa

A resistência à o

Não se deve
pela virtude da re
logo possa contr
os efeitos, sem
complexos e múlt
pesquisa, posto q
podem também
ou inconscientem
por sua definiçã
voltar em seu pro
qual um dos risc
eles têm e quere
mesmos. Isso nu
lembrando, como
sa os incita a ist
bem" em suas vid
a todas as presun

Ainda que ela possa proporcionar o equivalente teórico do conhecimento prático associado à proximidade e à familiaridade, o conhecimento prévio mais aprofundado continuaria incapaz de conduzir a uma verdadeira compreensão, se a ela não correspondesse uma atenção ao outro e uma abertura oblativa que raramente se encontram na existência comum. Tudo nos conduz efetivamente a não dar declarações mais ou menos ritualizadas sobre misérias mais ou menos comuns senão uma atenção quase tão vazia e formal que “como vai você?” ritual que as iniciou. Nós todos já ouvimos falar dessas narrativas de conflitos de sucessão ou de vizinhança, de dificuldades escolares ou de rivalidades de escritório que apreendemos através das categorias de percepção que, reduzindo o pessoal ao impessoal, o drama singular ao noticiário de variedades, permitem uma espécie de economia de pensamento, de interesse, de afeto, em resumo, de compreensão. E então, mesmo que se mobilizem todos os recursos da vigilância profissional e da simpatia pessoal, temos dificuldades em afastar essa indiferença da atenção favorecida pela ilusão do já visto e do já ouvido para entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência. A semicompreensão imediata do olhar distraído e banalizante desencoraja o esforço que deve ser realizado para superar os lugares-comuns nos quais cada um de nós vive e diz de suas pequenas misérias como sendo seus grandes males. Aquilo que o “a gente” filosoficamente estigmatizado e literariamente desconsiderado, que nós todos somos tentados a dizer, com seus meios, desesperadamente “inautênticos”, é sem dúvida, para os “eu” que nós acreditamos ser, pela mais comum das reivindicações de singularidade, o que há de mais difícil para escutar.

A resistência à objetivação

Não se deveria acreditar que só pela virtude da reflexividade o sociólogo possa controlar completamente os efeitos, sempre extremamente complexos e múltiplos, da relação de pesquisa, posto que os pesquisados podem também intervir, consciente ou inconscientemente, para tentar impor sua definição da situação e fazer voltar em seu proveito uma troca da qual um dos riscos é a imagem que eles têm e querem dar e se dar deles mesmos. Isso numa situação onde, lembrando, como o objeto da pesquisa os incita a isto, “o que não anda bem” em suas vidas, eles se expõem a todas as presunções negativas que

pesam sobre os males e a adversidade por tanto tempo que eles não sabem deslizar pelas formas legítimas de expressão das misérias legítimas, aquelas que a política, o direito, a psicologia, a literatura fornecem. Assim, por exemplo, em muitas entrevistas (principalmente com os membros do Front National), a relação social entre o pesquisado e o pesquisador produz um efeito de censura muito forte, redobrado pela presença do gravador: é sem dúvida ela que torna certas opiniões inconfessáveis (salvo por breves fugas ou por lapsos). Certas entrevistas trazem numerosos traços do trabalho que faz o pesquisado para dominar os

constrangimentos inerentes na situação ao mostrar que ele é capaz de assumir sua própria objetivação e de tomar ele mesmo o ponto de vista reflexivo cujo projeto está inscrito na própria intenção da pesquisa.

Uma das maneiras mais sutis de resistir à objetivação é, portanto, a dos pesquisados que, jogando com a sua proximidade social com o pesquisador, tentam, mais inconscientemente do que conscientemente, se proteger prestando-se aparentemente ao jogo e tentando impor, sem o saber sempre, uma aparência de auto-análise. Nada mais distante, apesar das aparências, da objetivação participante, na qual o pesquisador auxilia o pesquisado num esforço doloroso e gratificante, ao mesmo tempo, para tornar visíveis as determinações sociais de suas opiniões e de suas práticas no que elas podem ter de mais difícil a reconhecer e a assumir, do que a falsa objetivação complacente, semi-desmistificada e por isso duplamente mistificadora, que procura todos os prazeres da lucidez sem questionar o essencial.

Citarei um só exemplo: "Há uma espécie de mal-estar que faz com que eu não saiba onde me situar (...), eu não sei mais muito bem onde estou socialmente... É talvez a nível do reconhecimento do outro (...). Eu me conscientizo quanto, em função da posição social que você ocupa, o outro tem um olhar sobre você completamente diferente e é verdade que é muito perturbador. Não era evidente para mim ter vários status sociais, eu não conseguia me identificar algumas vezes, sobretudo através do olhar dos outros", etc., etc.

Acontece que de tais afirmações, que aplicam a uma confissão aparente a aparência de uma explicação, suscitam no pesquisador que se reco-

nhece nisso por que eles são construídos segundo instrumentos de pensamento e de formas de expressão próximas dos seus, uma forma de narcisismo intelectual que pode combinar-se com admiração populista ou dissimular-se nele.

Deste modo, quando uma filha de imigrante lembra, com muito desembaraço, as dificuldades de sua vida dilacerada diante de um pesquisador que pode encontrar em algumas declarações suas certos aspectos de sua experiência do desequilíbrio, ela consegue, paradoxalmente, fazer esquecer o princípio da visão altamente estilizada de sua existência que ela propõe, quer dizer, o estudo de letras que ela faz e que lhe permite oferecer a seu interlocutor uma dupla gratificação, a de um discurso tão próxima quanto possível da idéia que ele tem de uma categoria desfavorecida e a de um cumprimento formal que abole todo obstáculo ligado à diferença social e cultural. Seria preciso citar tudo aqui, as perguntas e as respostas:

Pesquisador - Tomada de consciência teve lugar quando você chegou à França. Mas tomada de consciência de que exatamente?

Pesquisado - A tomada de consciência do real no sentido que para mim, é aí que as coisas vão começar a se delinear. Eu vivo realmente a separação de meus pais. Ela toma sentido, para mim, realmente, a partir do momento no qual eu passo do período que eu vivi com meus pais, enfim, com minha mãe e sua família (no Marrocos, onde minha mãe ficou depois da separação), aqui, onde eu finalmente descubro meu pai. É a primeira vez que nós vivemos realmente juntos. Mesmo quando ele estava casado com minha mãe, sua vida social era aqui (na França), por isso eles se viam pouco, a gente se via pouco. Eu

tinha a impressão que eu descobri pela primeira vez (...). E depois também a vida a partir de agora. Nós vamos viver juntos. A consciência de que não faz sentido. Percebo que se tem, nunca se sabe. E depois também a consciência de uma coisa mais o mesmo. Você sabe que vou para sua mãe. Um pouco, de um lado a realidade, ela quer colorir e tornar mais agradável o que aconteceu. Por isso a mesma paisagem com as mesmas pessoas, mas não ao mesmo tempo. Eu volto a ser vago a partir de agora se você quer, se em diante, que se trata de dois mundos, que se separa radicalmente se não um pouco nessa etapa, que ultrapassa a separação pai-mãe longe: "Eu tenho a sensação de estar ancorado que a pergunta que vou continuar não vou sair definitivamente, não acredito sempre ficarei no mesmo mundo, a verdade que isso não me interessa não me interessa manter essa espécie de meio-termo. Se

A entrevista, se um monólogo a entrevista faz, responde profusamente, logo, impondo ao entrevistado, evidentemente, não somente sua maneira de falar, seu estilo ("você sabe da aqui?" ou "qual a situação?") e exclu-

a tradução é livre!

tinha a impressão que era alguém que eu descobria realmente pela primeira vez (...). Ele entrou em minha vida a partir do momento em que fomos viver juntos. Portanto, tomada de consciência desse lado, a separação faz sentido. Percebe-se que o pai que se tem, nunca se viveu com ele (...). E depois também, tomada de consciência de uma outra paisagem. Não é mais o mesmo espaço-tempo (...). Você sabe que você passa de seu pai para sua mãe. Isso o excita também um pouco, de uma certa maneira mas a realidade, ela vem pouco a pouco colorir e tornar visível, de fato, o que aconteceu. Portanto, isso não é a mesma paisagem, não são as mesmas pessoas, nem o mesmo espaço-tempo. Eu volto a um período bastante vago a partir desse momento onde, se você quer, será preciso, de hoje em diante, que se faça a ponte entre dois mundos, que estão, para mim, radicalmente separados. Eu fiquei um pouco nessa etapa, nessa separação, que ultrapassa de longe a separação pai-mãe. E um pouco mais longe: "Eu tenho de fato a impressão de estar ancorada em alguma coisa. E que a pergunta que surge agora é se eu vou continuar nesse dilema ou se eu vou sair definitivamente? Francamente, não acredito muito. Certamente sempre ficarei no meio do caminho. É verdade que isso de ser assim ou assado não me interessa. Há vontade de manter essa espécie de corrente de ar, um meio-termo. Sei lá."

A entrevista, como se vê, torna-se um monólogo no qual a própria entrevistada faz as perguntas, e responde profusamente de um só fôlego, impondo ao pesquisador (que, evidentemente, não pergunta melhor) não somente sua problemática mas seu estilo ("você se sente desnaturada aqui?" ou "qual é sua maior insatisfação?") e excluindo de fato toda

interrogação sobre os dados objetivos de sua trajetória diferentes dos que entram no projeto de auto-retrato tal como ela pretende fazer.

Nesta relação de troca, cada um engana um pouco o outro ao se enganar a si próprio: o pesquisador se prende à "autenticidade" do testemunho da pesquisada porque ele acredita ter tido êxito na descoberta de uma palavra bruta, densa, inviolada, que outros não souberam ver ou suscitar (certas formas, mais ou menos estilizadas, do discurso camponês ou operário podem exercer uma sedução parecida); a pesquisada finge ser o personagem que é esperado nesse encontro, a Imigrante, assegurando deste modo, sem ter que reivindicar abertamente, o reconhecimento do valor literário de sua palavra, ao mesmo tempo testemunha sincera de divisão interior e procura de salvação pela forma estilística.*

* Se esta lógica do jogo duplo na confirmação mútua das identidades encontra um campo particularmente favorável no face a face da relação de pesquisa, ela não está em ação somente nas entrevistas "fracassadas" (muito numerosas) que nós tivemos de eliminar e eu poderia citar obras que acho que ilustram isso perfeitamente, como o romance recente de Nina Bouraoui (*La voyeuse interdite*, Paris, Gallimard, 1990), e, mais geralmente, certas formas novas de literatura populista que, sob a aparência de as reunir, evitam as exigências do testemunho autenticamente sociológico e as do romance autenticamente literário, porque elas têm como ponto cego seu próprio ponto de vista. Mas o exemplo por excelência me parece ser o romance de David Lodge, *Small World* (New York, Warner Books, 1984, trad. francesa: *Un tout petit monde*, Paris, Rivages, 1991), desmistificação mistificadora que apresenta todos os lugares-comuns da representação complacente, falsamente lúcida e verdadeiramente narcísica, que os universitários gostam de (se) dar deles mesmos, e de seus universos, e que conheceu logicamente um imenso sucesso nos meios universitários e, mais amplamente, em todos os meios com nível de estudos universitários.

Deste modo sob risco de chocar tanto os metodólogos rigoristas quanto os hermeneutas inspirados, eu diria naturalmente que a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida.⁶ A disposição acolhedora que inclina a fazer seus problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular é uma espécie de *amor intelectual*: um olhar que consente com a necessidade, à maneira do “amor intelectual de Deus”, isto é, da ordem natural, que Spinoza tinha como a forma suprema do conhecimento.

O essencial das “condições de felicidade” da entrevista fica, sem dúvida, despercebido. Oferecendo-lhe uma situação de comunicação completamente excepcional, livre dos constrangimentos, principalmente temporais, que pesam sobre a maior parte das trocas cotidianas e abrindo-lhe alternativas que o incitam ou o autorizam a exprimir mal-estares, faltas ou necessidades que ele descobre exprimindo-os, o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização.⁷ Embora eles sem dúvida não percebam conscientemente todos os sinais desta disponibilidade (que requer sem dúvida um pouco mais que uma simples conversão intelectual), certos pesquisados, sobretudo entre os mais carentes, parecem aproveitar essa situação como uma ocasião excepcional que lhes é oferecida para testemunhar, se fazer ouvir, levar sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião também de *se explicar*, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles vêem a si mesmos e o mundo, e se tornam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar.⁸ Acontece até que, longe de serem simples instrumentos nas mãos do pesquisador, eles conduzem de alguma maneira a entrevista e a densidade e a intensidade de seu discurso, como a impressão que eles dão freqüentemente de sentir uma espécie de alívio, até de realização, tudo neles lembra a *felicidade de expressão*.

Pode-se sem dúvida falar então de *auto-análise provocada e acompanhada* em mais de um caso nós sentimos que a pessoa interrogada aproveitava a *ocasião*

6. Poder-se-ia citar aqui Epicteto ou Marco Aurélio lembrando a disposição que leva a acolher com benevolência tudo o que depende da causa universal, *assentimento (prosthesis)* alegre relativamente ao mundo natural.

7. O trabalho “socrático” de ajuda à explicitação visa a propor sem impor, a formular sugestões, às vezes explicitamente apresentadas como tais (será que você não quer dizer que...) e destinadas a oferecer prolongamentos múltiplos e abertos às palavras do pesquisado, a suas hesitações ou a sua procura de expressão.

8. Eu observei assim numerosas vezes que o pesquisado repetia com uma satisfação visível a palavra ou a frase que o haviam esclarecido sobre ele mesmo, isto é, sobre sua posição (como a palavra *fundível*, que eu tinha usado para designar a posição crítica de um pesquisado na hierarquia de sua instituição e que, por suas conotações, lembrava bem as tensões extremas por que ele passara).

que lhe tinha sido dada a solicitação que lhe as aberturas e múltiplas e realizar um trabalho para enunciar, às vezes e reflexões há me

Uma construção real

Mesmo se acontecido entre as antec do pesquisado, não t supõe um ato de cons a qual esse dado é cor dadeiramente tudo q três estudantes se, evi nam, como em tantas a estrutura das relaç estrutura dos estabele a estrutura e a história ao que poderia fazer das pessoas sociais, e turais tidas numa inte que faz a *idiosincras* suas ações e de suas

A análise da com estrutura conjuntural visíveis que o organiz no qual as três jovens no interior do qual el cerem ao passado, co escolares, e também

9. Isto é, num sentido mais conversação, por exemplo sociais e culturais dos pa

10. Eu poderia citar também no sentido de Goodman, dos “*excluídos do interior*” Goodman, dessa nova ca

que lhe tinha sido dada de ser interrogada sobre ela mesma e da licitação ou da solicitação que lhe asseguravam nossas perguntas ou nossas sugestões (sempre abertas e múltiplas e freqüentemente reduzidas a uma atenção silenciosa) para realizar um trabalho de explicitação, gratificante e doloroso ao mesmo tempo, e para enunciar, às vezes com uma extraordinária *intensidade expressiva*, experiências e reflexões há muito reservadas ou reprimidas.

Uma construção realista

Mesmo se acontecer que ele seja vivído como tal, o acordo que é assim realizado entre as antecipações e as amabilidades do pesquisador e as expectativas do pesquisado, não tem nada de miraculoso. A verdadeira submissão ao dado supõe um ato de construção baseado no domínio prático da lógica social segundo a qual esse dado é construído. Assim, por exemplo, só se pode compreender verdadeiramente tudo que é dito na conversa, na aparência totalmente banal, entre três estudantes se, evitando reduzir as três adolescentes aos nomes que as designam, como em tantas sociologias ao gravador, soubermos ler, em suas palavras, a estrutura das relações objetivas, presentes e passadas, entre sua trajetória e a estrutura dos estabelecimentos escolares que elas freqüentaram e, por isso, toda a estrutura e a história do sistema de ensino que nelas se exprime. Contrariamente ao que poderia fazer crer uma visão ingenuamente personalista da singularidade das pessoas sociais, é a revelação das estruturas imanentes às conversas conjunturais tidas numa interação pontual que, sozinha, permite resgatar o essencial do que faz a *idiosincrasia* de cada uma das jovens e toda complexidade singular de suas ações e de suas reações.

A análise da conversação, assim entendida,⁹ lê nos discursos não somente a estrutura conjuntural da interação como mercado, mas também as estruturas invisíveis que o organizam, isto é, neste caso particular, a estrutura do espaço social no qual as três jovens estão situadas desde o início e a estrutura do espaço escolar no interior do qual elas percorreram trajetórias diferentes que, apesar de pertencerem ao passado, continuam a orientar a sua visão do seu passado e do seu futuro escolares, e também delas mesmas, no que elas têm de mais singular.¹⁰

9. Isto é, num sentido muito diferente daquele que se dá quando se toma por objeto a maneira de administrar a conversação, por exemplo as estratégias de abertura e de fechamento, *fazendo abstração* das características sociais e culturais dos participantes.

10. Eu poderia citar também a entrevista com um jovem estudante, filho de imigrante, que é uma exemplificação, no sentido de Goodman, da análise das transformações do sistema de ensino que conduziu à multiplicação dos "excluídos do interior", sendo o pesquisado em questão uma "amostra" perfeita, sempre nos termos de Goodman, dessa nova categoria de estudantes.

Deste modo, contra a ilusão que consiste em procurar a neutralidade na atuação do observador, deve-se admitir que, paradoxalmente, só é “espontâneo” o que é construído, mas por uma *construção realista*. Para o fazer ouvir ou, ao menos, fazê-lo sentir, lembrarei um caso onde se verá que é somente quando se apóia num conhecimento prévio das realidades que a pesquisa pode fazer surgir as realidades que ela deseja registrar. Na pesquisa que realizamos sobre o problema da moradia para fugir à irrealidade abstrata das perguntas sobre a preferência, em matéria de compra ou locação principalmente, eu tinha imaginado pedir aos pesquisadores para lembrarem suas sucessivas residências, as condições em que a elas tinham tido acesso, as razões e as causas que os tinham determinado a escolhê-las ou a deixá-las, as modificações que nelas fizeram, etc. As entrevistas assim concebidas desenvolveram-se de maneira, em nossa opinião, extremamente “natural”, suscitando testemunhos de uma sinceridade inesperada. Ora, muito tempo depois ouvi, inteiramente por acaso, no metrô, uma entrevista entre duas mulheres de uns quarenta anos de idade: uma delas, que foi morar recentemente num apartamento novo, contava a história de suas sucessivas moradias. E sua interlocutora se comportava exatamente como se ela seguisse a regra que havíamos estabelecido para conduzir nossas entrevistas. Eis a transcrição que fiz de memória logo depois: – “é a primeira vez que moro numa casa nova. É muito bom... – A primeira casa que tive em Paris, foi na rua Brancion, era um apartamento antigo, que não tinha sido reformado desde a guerra de 14. Tudo precisava de reformas, tudo estava torto. Tampouco conseguimos recuperar o teto de tão sujo que estava. – Com certeza, é muito trabalho... Antes, com meus pais, nós morávamos numa habitação sem água. Era formidável, com duas crianças, ter um banheiro. – Na casa de meus pais, era a mesma coisa. Mas nem por isso nós éramos sujeitos. Mas é verdade, é tão mais fácil... – Depois moramos em Creteil. Era um imóvel moderno, mas que já tinha uma dezena de anos...”. E a narrativa continuou assim, muito naturalmente entrecortada de intervenções destinadas seja, muito simplesmente, para “acusar recebimento”, pela simples repetição, no modo afirmativo ou interrogativo, da última frase pronunciada, seja para manifestar interesse ou afirmar a identidade dos pontos de vista (“É duro quando se trabalha o dia inteiro em pé...” ou “Na casa de meus pais era a mesma coisa”); essa participação pela qual se participa da entrevista, levando assim seu interlocutor a dela participar, sendo isso que distingue do modo mais claro a conversa comum, ou a entrevista tal como nós a temos praticando, da entrevista na qual o pesquisador, preocupado com a neutralidade, se proíbe todo envolvimento pessoal.

Tudo opõe esta forma de maiêutica à imposição da problemática que, na ilusão da “neutralidade”, fazem muitas sondagens cujas perguntas forçadas e artificiais produzem coisas fictícias que elas acreditam registrar – sem falar dessas pesquisas de televisão que extorquem dos entrevistados declarações diretamente

provenientes dos entrevistados, sem a consciência do que se está fazendo. Temos as opiniões: as respostas e as formas de expressão e de conteúdo (as respostas pré-fabricadas da política) relativas à política e, num sentido mais amplo, a *desvios de opinião* e a *inconsciência*, as *substituições* para uma *opinião* de qualquer natureza e *aparentes de individualidade* e *insuficiência de neutralidade*” é tanto impostas contribuições aos pesquisadores e seu crédito.

Vê-se o reforço do fato de que o conteúdo é menos flagrante, e o princípio ou de opinião é mais facilmente identificado toda intervenção, livre às premissas atuantes até nas perguntas, de uma denúncia e opor os efeitos de pesquisas produzidos pela experiência.

Os agentes fazem; mais precisamente seu descontentamento

11. Acho necessário lembrar principalmente, “L’opinião”

12. Estas reflexões destinam-se à crítica.

provenientes dos comentários que a televisão faz a respeito.¹¹ Primeira diferença, a consciência do perigo, baseada no conhecimento da labilidade do que chamamos as opiniões: as disposições profundas estão disponíveis para inúmeras formas de expressão e elas podem ser conhecidas em formulações pré-constituídas (as respostas pré-formadas do questionário fechado ou as declarações preparadas da política) relativamente diferentes. Isto significa que nada é mais fácil de fazer e, num sentido mais “natural”, que a imposição de problemática: como prova, os *desvios de opinião* que realizam tão frequentemente, com toda a inocência da inconsciência, as sondagens de opinião (deste modo predispostas a servir de instrumento para uma demagogia racional) e também, mais geralmente, os demagogos de qualquer obediência, sempre apressados em ratificar as expectativas aparentes de indivíduos que nem sempre têm os meios de identificar suas verdadeiras insuficiências.¹² O efeito da imposição que se exerce sob a capa de “neutralidade” é tanto mais pernicioso porque a publicação das opiniões assim impostas contribui para as impor e assegurar-lhes uma existência social, dando aos pesquisadores a aparência de uma validação própria a reforçar sua credibilidade e seu crédito.

Vê-se o reforço que a representação empirista da ciência pode encontrar no fato de que o conhecimento rigoroso supõe quase sempre uma ruptura mais ou menos flagrante, e sempre exposta a aparecer como efeito de uma petição de princípio ou de opinião preconcebida, com a evidência do senso comum, comumente identificado como bom senso. Basta de fato deixar acontecer, abster-se de toda intervenção, de toda construção, para cair no erro: deixa-se então o campo livre às preconstruções ou ao efeito automático dos mecanismos sociais que estão atuantes até nas operações científicas mais elementares (concepção e formulação das perguntas, definição das categorias de codificação, etc.). É somente ao preço de uma denúncia ativa dos pressupostos tácitos do senso comum que se podem opor os efeitos de todas as representações da realidade social aos quais pesquisadores e pesquisadores são continuamente expostos. Penso em particular naqueles produzidos pela imprensa, escrita e sobretudo televisada, e que se impõem às vezes aos mais despojados como enunciados prontos daquilo que eles acreditam ser a experiência.

Os agentes sociais não têm a ciência infusa do que eles são e do que eles fazem; mais precisamente, eles não têm necessariamente acesso ao princípio de seu descontentamento ou de seu mal-estar e as declarações mais espontâneas po-

11. Acho necessário lembrar aqui análises que desenvolvi em outro lugar de maneira mais sistemática (cf. principalmente, “L’opinion publique n’existe pas”, *Questions de sociologie*, Paris, Minuit, 1984, p. 222-250).

12. Estas reflexões destinam-se particularmente aos que ensinam que a crítica das pesquisas é a crítica da democracia.

dem, sem nenhuma intenção de dissimulação exprimir uma coisa bem diferente do que eles dizem na aparência. A sociologia (é isto que a distingue da ciência sem erudito que são as pesquisas de opinião) sabe que ela deve ter os meios de questionar primeiro em seu próprio questionamento, todas as preconstruções, todos os pressupostos que existem tanto no pesquisador como no pesquisado e que fazem com que a relação de pesquisa freqüentemente só se instaure na base de um acordo dos inconscientes.¹³

Ela sabe também que as opiniões as mais espontâneas, logo, aparentemente as mais autênticas, que satisfazem o pesquisador apressado dos institutos de pesquisa e os que as encomendaram podem obedecer a uma lógica muito próxima de que a psicanálise revelou. É o caso, por exemplo, desta espécie de hostilidade *a priori* relativamente aos estrangeiros que encontramos às vezes junto aos agricultores ou aos pequenos comerciantes desprovidos de qualquer experiência direta com os imigrantes: só se pode ultrapassar as aparências da opacidade e do absurdo que ela opõe à interpretação compreensiva se conseguir ver que, por uma forma de *deslocamento*, ela oferece uma solução às contradições próprias a essa espécie de capitalistas com renda de proletários e com sua experiência do Estado, tão como responsável por uma redistribuição inaceitável. Os fundamentos reais do descontentamento e da insatisfação que assim se exprimem, sob formas desviadas, só podem chegar à consciência, quer dizer, ao discurso explícito, ao preço de um trabalho que vise revelar as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conhecem e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém.

O sociólogo pode ajudá-las nesse trabalho, à maneira de um parteiro, sob a condição de possuir um conhecimento aprofundado das condições de existência de que são o produto e dos efeitos sociais que a relação de pesquisa e, através desta, suas posições e suas disposições primárias podem exercer. Mas o desejo de descobrir a verdade, que é constitutivo da intenção científica, fica totalmente desprovido de eficácia prática se ele não é atualizado sob a forma de uma "profissão", produto incorporado de todas as pesquisas anteriores que não tem nada de um saber abstrato e puramente intelectual: essa profissão é uma verdadeira "disposi-

13. Mostrei, pela análise detalhada das respostas a uma pesquisa sobre os políticos (Giscard, Chirac, Marchais, etc.) concebida sobre o modelo do jogo chinês (se era uma árvore, um animal, etc.) que os pesquisadores colocavam em prática, sem o saber, em suas respostas, esquemas classificatórios (forte/fraco, rígido/flexível, nobre/ignóbil, etc.) que os autores do questionário tinham também colocado em prática, sem o saber muito, em suas perguntas: a inanidade dos comentários que os autores do questionário haviam trazido aos quadros estatísticos publicados estavam presentes para testemunhar sua perfeita incompreensão dos dados que eles mesmos tinham produzido e, *a fortiori*, a própria operação pela qual os tinham produzido (cf. P. Bourdieu, *La Distinction*, Paris, Minuit, 1979, p. 625-640).

ção a perseguir a *sica*), que leva a estratégias de perguntas oportunas ou, melhor, a se

Os riscos da esc

A mesma dis te-se a entrevista procedimentos de literal (a simples dar todo o sentido pretensão. Com m espontaneísta do radamente com a los e de subtítulo do leitor para os ou distraída deix

O processo v está submetido a liar: as obrigações não se reduz ao restituir ao discursos recursos ordinários to amiúde, todo e definem em relações muito divers nhada das notas oral para o escri socialmente sign

14. Não é o lugar de a trabalho que visa tr las e de as desenra – visando incorpora diferentes métodos conscientes e os "s são é de fato absoluta tempo estar present prática – e funciona

ção a perseguir a verdade” (*hexis tou alêtheuein*, como diz Aristóteles na *Metafísica*), que leva a improvisar na hora, na urgência da situação de entrevista, as estratégias de apresentação de si e as respostas adaptadas, as aprovações e as perguntas oportunas, etc., de maneira a ajudar o pesquisado a dar a sua verdade ou, melhor, a se livrar da sua verdade.¹⁴

Os riscos da escrita

A mesma disposição está em ação no trabalho de construção ao qual submete-se a entrevista gravada – o que permitirá andar mais depressa na análise dos procedimentos de transcrição e de análise. Pois é claro que a transcrição muito literal (a simples pontuação, o lugar de uma vírgula, por exemplo, podem comandar todo o sentido de uma frase) já é uma verdadeira tradução ou até uma interpretação. Com mais razão ainda, a que é aqui proposta: rompendo com a ilusão espontaneísta do discurso que “fala de si mesmo”, a transcrição joga deliberadamente com a *pragmática da escrita* (principalmente pela introdução de títulos e de subtítulos feitos de frase tomadas da entrevista) para orientar a atenção do leitor para os traços sociologicamente pertinentes que a percepção desarmada ou distraída deixaria escapar.

O processo verbal do discurso recolhido que o autor da transcrição produz está submetido a dois conjuntos de obrigações freqüentemente difíceis de conciliar: as obrigações de fidelidade a tudo que manifesta durante a entrevista, e que não se reduz ao que é realmente registrado na fita magnética, levariam a tentar restituir ao discurso tudo que lhes foi tirado pela transcrição para o escrito e pelos recursos ordinários da pontuação, muito fracos e muito pobres, e que fazem, muito amiúde, todo o seu sentido e o seu interesse; mas as leis de legibilidade que se definem em relação com destinatários potenciais com expectativas e competências muito diversas impedem a publicação de uma transcrição fonética acompanhada das notas necessárias para restituir tudo que foi perdido na passagem do oral para o escrito, isto é, a voz, a pronúncia (principalmente em suas variações socialmente significativas), a entonação, o ritmo (cada entrevista tem seu tempo

14. Não é o lugar de analisar aqui todos os paradoxos do modo de ser científico que supõe, por um lado, um trabalho que visa tornar conscientes as disposições primárias socialmente constituídas em vista de neutralizá-las e de as desenraizar (ou, melhor, de as “desincorporar”), e, por outro lado, um trabalho – e um treinamento – visando incorporar, portanto a tornar quase “inconscientes” os princípios conscientemente definidos dos diferentes métodos desse modo tornados *praticamente disponíveis* (A oposição entre os “conhecimentos” conscientes e os “conhecimentos” inconscientes à qual recorremos aqui devido às necessidades da transmissão é de fato absolutamente artificial e falaciosa: de fato os princípios da prática científica podem ao mesmo tempo estar presentes à consciência – em graus diferentes segundo os momentos e segundo os “níveis” de prática – e funcionar no estado prático, sob a forma de disposições incorporadas).

particular que não é o da leitura), a linguagem dos gestos, da mímica e de toda a postura corporal, etc.¹⁵

Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever¹⁶: como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade. As antinomias bem conhecidas da literatura popular lembram que dar realmente a palavra àqueles que habitualmente não a têm, é apenas lhes dar a palavra tal qual. Existem as demoras, as repetições, as frases interrompidas e prolongadas por gestos, olhares, suspiros ou exclamações, há as digressões laboriosas, as ambigüidades que a transcrição desfaz inevitavelmente, as referências a situações concretas, acontecimentos ligados à história singular de uma cidade, de uma fábrica ou de uma família, etc. (e que o locutor lembra com tanto mais disposição quanto seu interlocutor lhe é familiar, isto é, mais familiar para todo seu meio familiar).

É, portanto, em nome do respeito devido ao autor que, paradoxalmente, foi preciso às vezes decidir por aliviar o texto de certos desdobramentos parasitas, de certas frases confusas, de redundâncias verbais ou de tiques de linguagem (os "bom" e os "né") que, mesmo sem eles dão seu colorido particular ao discurso oral e preenchem uma função eminente na comunicação, permitindo sustentar uma conversa esbaforida ou tomar o interlocutor como testemunha, baralhando e confundindo a transcrição ao ponto, em certos casos, de torná-la completamente ilegível para quem não ouviu o discurso original. Do mesmo modo, tomamos a liberdade de tirar da transcrição todas as declarações puramente informativas (sobre a origem social, os estudos, a profissão, etc.) todas as vezes que pudessem ser relatados, no estilo indireto, no texto introdutivo. Mas nunca se substituiu uma palavra por outra, nem se transformou a ordem das perguntas, ou o desenrolar da entrevista e todos os cortes foram assinalados.

15. Sabe-se por exemplo que a ironia, que nasce freqüentemente de uma discordância intencional entre a simbólica corporal e a simbólica verbal, ou entre diferentes níveis de enunciação verbal, fica quase inevitavelmente perdida na transcrição. E o mesmo acontece com as ambigüidades, os duplos sentidos, as incertezas e indecisões, tão características da linguagem oral, que a escrita desvenda quase inevitavelmente, através sobretudo da pontuação. Mas há também toda a informação que está inscrita nos nomes próprios, que falam de imediato para os familiares do universo (e que foi preciso quase sempre fazer desaparecer para salvar o anonimato dos pesquisados), nomes de pessoas, nomes de lugares, nomes de instituições, aos quais estão ligadas divisões estruturantes: é o caso da oposição entre o teatro refinado e o teatro popular que dá seu sentido à confusão, feita pela atriz, entre o nome de uma comedianta popular e uma grande artista da tragédia clássica, verdadeiro lapso significativo pelo qual ela trai, para quem pode ouvi-la, toda a verdade de um fracasso ligado a uma má orientação inicial entre os dois caminhos.

16. Cf. P. Encrevé, "Sa voix harmonieuse e voilée", *Hors Cadre*, 3, 1985, p. 42-51 (Uma transcrição integral (não fonética) de todas as entrevistas (em número de 182) foi feita, e arquivada, assim como as correspondentes gravações).

Graças à explicação
lhes conferem às vezes
ma da do texto literário
efeito de *revelação*, pa
suas propriedades gene
profético, permitem um
plexas e abstratas: torn
mais singulares da enu
vas que o trabalho cien
comover, de falar à sem
levar junto as conversã
condição prévia da com

Mas a força emocio
dos efeitos simbólicos.
aquele que as faz se torn
dar razão de suas decla
Como, mais banalmente
de uma pequena empreg
inevitavelmente ao olho
que faz parte de sua ven

Vê-se que a interve
a responsabilidade de p
serva Benveniste, "num
influenciar o interlocu
simbólica; mas, sobret
isto é, da construção es
necessariamente subtra
quando é aplicado a tex
gidos antecipadamente
afirmações feitas por lo
as literaturas ditas popu
olhar cultivado, têm tod
dos leitores, mesmo os s

17. O discurso da empregada da
com toda a frieza abstrata da
províncias obrigados, muito a
moção na carreira: "São comb
cam certas carreiras ou o an
subordinadas a um exílio pro

Graças à explicação, à concretização e à simbolização que elas realizam e que lhes conferem às vezes uma intensidade dramática e uma força emocional próxima da do texto literário, as entrevistas transcritas estão à altura de exercer um efeito de *revelação*, particularmente sobre os que compartilham tal ou qual de suas propriedades genéricas com o locutor. A modo das parábolas do discurso profético, permitem um equivalente mais acessível de análises conceituais complexas e abstratas: tornam sensíveis, inclusive através dos traços aparentemente mais singulares da enunciação (entonação, pronúncia, etc.), as estruturas objetivas que o trabalho científico se esforça para desprender.¹⁷ Capazes de tocar e de comover, de falar à sensibilidade, sem sacrificar ao gosto do sensacional, podem levar junto as conversões do pensamento e do olhar, que são freqüentemente a condição prévia da compreensão.

Mas a força emocional pode ter por contraparte a ambigüidade, até a confusão dos efeitos simbólicos. Podem-se relatar declarações racistas de tal maneira que aquele que as faz se torna compreensível sem por isso legitimar o racismo? Como dar razão de suas declarações sem se render às suas razões, sem lhe dar razão? Como, mais banalmente evocar, sem excitar o racismo de classe, o corte de cabelo de uma pequena empregada e comunicar, sem ratificá-la, a impressão que produz inevitavelmente ao olho acostumado aos cânones da estética legítima – impressão que faz parte de sua verdade mais inevitavelmente objetiva?

Vê-se que a intervenção do analista é tão difícil quanto necessária. Tomando a responsabilidade de *publicar* discursos que, enquanto tais, situam-se, como observa Benveniste, “numa situação pragmática que implica uma certa intenção de influenciar o interlocutor”, ele se expõe a fazer-se o transmissor de sua eficácia simbólica; mas, sobretudo, arrisca-se a deixar jogar livremente o jogo da leitura, isto é, da construção espontânea, para não dizer selvagem, que faz cada leitor necessariamente submeter-se às coisas que lê. Jogo particularmente perigoso quando é aplicado a textos que não foram escritos e que não são, por isso, protegidos antecipadamente contra as leituras temidas ou recusadas e, sobretudo às afirmações feitas por locutores que estão longe de falar como livros e que, como as literaturas ditas populares, cuja “ingenuidade” ou “inépcia” são o produto do olhar cultivado, têm todas as chances de não encontrar graça aos olhos da maioria dos leitores, mesmo os mais bem intencionados.

17. O discurso da empregada da triagem postal diz bem mais, mesmo se ele diz também aquilo, que o que é dito, com toda a frieza abstrata da linguagem conceitual, numa análise da trajetória social dos empregados das províncias obrigados, muito amiúde, a pagar com um longo exílio parisiense o acesso à profissão ou a promoção na carreira: “São conhecidos, por exemplo, os constrangimentos em matéria de residência que implicam certas carreiras ou o acesso à profissão – por exemplo, cheques postais – onde as promoções são subordinadas a um exílio prolongado”, P. Bourdieu, *La Distinction*, Paris, Minuit, 1981, p. 136.

Escolher a não intervenção, com a preocupação de recusar toda limitação imposta à liberdade do leitor, seria esquecer que, o que quer que se faça, toda leitura já está, senão obrigada, pelo menos orientada por esquemas interpretativos. Pôde-se assim verificar que os leitores desavisados lêem os testemunhos como eles ouviriam as confidências de um amigo ou, melhor dizendo, as conversas (ou tagarelices) a respeito de terceiros, ocasião de se identificar, mas também de se diferenciar, de julgar, de condenar, de afirmar um consenso moral na reafirmação dos valores comuns. O ato político, de uma espécie muito particular, que consiste em tornar público, pela publicação, aquilo a que normalmente não se tem acesso, ou nunca, em todo caso, *sob esta forma*, se encontraria de algum modo desviado, e totalmente esvaziado de seu sentido.

Pareceu, pois, indispensável intervir na apresentação das transcrições, pelos títulos e subtítulos e principalmente pelo preâmbulo, encarregado de fornecer ao leitor o instrumento de uma leitura compreensiva, capaz de reproduzir a postura da qual o texto é o produto. O olhar prolongado e acolhedor que é necessário para se impregnar da necessidade singular de cada testemunho, e que se reserva comumente aos grandes textos literários ou filosóficos, pode-se também concedê-lo, por uma espécie de democratização da postura hermenêutica, às narrativas ordinárias de aventuras comuns. Deve-se, como ensinava Flaubert, aprender a olhar para Yvetot do jeito que olhamos para Constantinopla: aprender por exemplo a dar ao casamento de uma professora com um empregado dos correios a atenção e o interesse que se prestaria à narrativa literária de um casamento desigual e a dar às declarações de um operário metalúrgico o acolhimento fervoroso que certa tradição da leitura reserva às formas as mais altas da poesia ou da filosofia.¹⁸

Nós nos esforçamos, pois, para transmitir ao leitor os meios para lançar sobre as declarações que vai ler esse olhar que dá razão, que restitui ao pesquisado sua razão de ser e sua necessidade; ou, mais precisamente, de se situar no ponto do espaço social a partir do qual são tomadas todas as vistas do pesquisado sobre esse espaço, isto é, nesse lugar onde sua visão do mundo se torna evidente, necessária, *taken for granted*.

18. A recepção do discurso sociológico deve evidentemente muito ao fato que ele se refere ao presente imediato ou à "atualidade" – como jornalismo, ao qual, aliás, tudo opõe. Sabe-se que a hierarquia dos estudos históricos corresponde ao afastamento de seus objetos no tempo. E é certo que não se dará à transcrição de uma homilia do bispo de Creteil, também muito rica de sutilezas retóricas e de habilidades teológico-políticas, a mesma atenção que a um texto de Adalberão de Laon, escrito além disso em latim, e que se dará mais valor a uma declaração, sem dúvida apócrifa, de Olivier Lefèvre, fundador da dinastia dos Ormesson, que a uma entrevista jornalística do último de seus descendentes. Ninguém escapa à lógica do inconsciente acadêmico que orienta esta destruição *a priori* do respeito ou da indiferença e o sociólogo que terá tido êxito em superar nele mesmo essas prevenções terá sem dúvida tanto mais dificuldade em obter o mínimo de consideração exigível para os documentos que ele produz e para as análises que faz porque os diários e os semanários estão cheios de testemunhos sensacionalistas sobre a angústia dos professores ou a cólera das enfermeiras que são melhor feitas, além disso, para dar satisfação a essa forma de boa vontade convencional que se dá às boas causas.

Mas não há público tem de ac esforço constante jeto da escrita ou, vidade da "enunci fatos sem interven clínico; visando f pessoa interrogada reto livre ou o com objetivante que a também da mane projetar indevidam objeto, para se faz

O rigor, neste afirma continuam escola, e não a es mento é formulad É nos detalhes des cebidos, têm todas facilidades jornalí da pessoa" e "a vo gens inconscientes

O sociólogo n ponto de vista sob de seu objeto, e c partir deste ponto onde deve se coloc de vista possíveis mesmo que pode, f social, transportar-também, ao mesmo de vista, isto é, com e pensaria, sem d

19. Esse controle constante é preciso superar é uma locuções favoritas ("e" e desrealizante, impedim nar as associações da p só parecem tão intoler

Mas não há sem dúvida escrito mais perigoso que o texto no qual o escrevente público tem de acompanhar as mensagens que lhe foram confiadas. Forçado a um esforço constante para dominar conscientemente a relação entre o sujeito e o objeto da escrita ou, melhor, a distância que os separa, ele deve se esforçar pela objetividade da “enunciação histórica” que, segundo a alternativa de Benveniste, objetiva fatos sem intervenção do narrador, recusando a frieza distante do protocolo de caso clínico; visando fornecer todos os elementos necessários à percepção objetiva da pessoa interrogada, ele deve usar de todos os recursos da língua (como o estilo indireto livre ou o *como se* caros a Flaubert) para evitar estabelecer com ela a distância objetivante que a colocaria na berlinda ou, pior, no pelourinho. Isto, proibindo-se também da maneira mais categórica (é ainda uma das funções do *como se*) de se projetar indevidamente nesse *alter ego*, que fica sempre, quer se queira ou não, um objeto, para se fazer abusivamente o sujeito de sua visão do mundo.

O rigor, neste caso, reside no controle permanente do ponto de vista, que se afirma continuamente nos detalhes da escrita (no fato, por exemplo, de dizer *sua* escola, e não *a* escola), para marcar que o relato do que se passa no estabelecimento é formulado do ponto de vista do professor interrogado e não do analista). É nos detalhes desta espécie que, se eles não passam pura e simplesmente despercebidos, têm todas as chances de aparecer como simples elegâncias literárias ou facilidades jornalísticas, que afirmam continuamente o afastamento entre “a voz da pessoa” e “a voz da ciência”, como diz Roland Barthes, e a recusa das passagens inconscientes de um a outro.¹⁹

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e constituir-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um *alter ego*) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele.

19. Esse controle constante do ponto de vista nunca é tão necessário e difícil como quando a distância social que é preciso superar é uma última diferença na proximidade. Assim por exemplo, no caso da professora cujas locuções favoritas (“eu culpo”, “problemas de casais”, etc.) podem ter um efeito ao mesmo tempo repulsivo e desrealizante, impedindo de sentir a realidade do drama que elas exprimem, seria muito fácil deixar funcionar as associações da polêmica cotidiana para caracterizar, caricaturando, uma vida e um modo de vida que só parecem tão intoleráveis porque teme-se de reconhecer neles os seus.

O interrogatório – Pierre Bourdieu e Gabrielle Balazs

As investigações administrativas, das quais analisamos aqui alguns exemplos, são interessantes sob vários aspectos. Em primeiro lugar porque elas dão livre curso a todos os efeitos que, salvo vigilância especial, correm o risco de pesar sobre toda relação de pesquisa e porque permitem assim medir *a contrario* a importância do esforço que se deve fazer na condução de uma entrevista, para neutralizar esses efeitos: é realmente um caso no qual, como diz John Gumperz, “apesar das aparências de igualdade, de reciprocidade e de cordialidade, os papéis dos participantes, isto é, o direito à palavra e a obrigação de responder, são predeterminados ou, pelo menos, são objeto de uma forte coação”¹. Se a violência simbólica inerente à dissimetria entre os interlocutores muito inegavelmente providos de capital econômico e especialmente cultural pode ser exercida com tanta desinibição, é porque os agentes encarregados de conduzir o interrogatório se sentem delegados e autorizados pelo Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima, e que eles são, a despeito de tudo, conhecidos e reconhecidos como tais. Prova disto é a resposta, digna de Kafka, daquela mulher que, submetida a um questionário muito extenso sobre sua saúde, espanta-se: “Até isto eles perguntam?”, sugerindo que a pesquisa é só o instrumento de uma intenção elaborada em outro lugar, “no alto escalão”.

1. J. Gumperz, *Engager la Conversation, Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*, Paris, Minuit (*Le sens commun*), 1989, p. 15.

A análise das gravações de algumas entrevistas feitas por um escritório de estudos (que nos perdoará sem dúvida por o deixarmos no anonimato) a pedido do Ministério da Pesquisa e da Tecnologia para avaliar a renda mínima (RMI), após três anos em execução, permite perceber o que separa o interrogatório burocrático das outras formas de interrogação do Estado, policial e judiciária principalmente, e o que há em comum com elas e, mais amplamente com todas as entrevistas burocráticas comuns.² Se bem que, diferentemente da investigação judiciária, e sobretudo da policial, ela se apresenta (e é vivida) como uma pesquisa científica, a pesquisa administrativa, estritamente determinada pelos fins burocráticos, é inteiramente dirigida pelas intenções normativas. Além disso, o momento da pesquisa (no mesmo ano em que a comissão nacional de avaliação do RMI deve enviar seu relatório ao primeiro ministro), o lugar de sua realização (os escritórios das prefeituras ou dos centros comunitários de ação social encarregados dos contratos), o conteúdo e a forma das perguntas, chegando a 300 para uma só entrevista formulada sem interrupção, frequentemente por dois pesquisadores

2. Agradecemos aqui, sem poder evidentemente fazê-lo nominalmente, à pessoa que nos forneceu e nos enviou estas gravações, para todas as informações sobre esta pesquisa remetemos à obra coletiva do MIRE (Mission interministérielle pour la recherche) e do Plan Urbain, *Le RMI à l'épreuve de faits: Territoire, insertion, société*, Paris, Ed. Syros Alternatives, 1991. Esta pesquisa deu lugar também a um colóquio, em 8 e 9 de novembro de 1991. Para as análises regionais, remete-se aos 13 relatórios do colóquio.

tudo incita os pesquisados a se sentirem na obrigação de provar a legitimidade de sua situação de beneficiários do RMI (como outros, para obter um abono, um estágio ou uma moradia, são obrigados a justificar sua identidade administrativa de "que procura emprego", de "desempregado cujos direitos estão no fim", de "jovem sem qualificação", de "pai sem arrimo", ou de "sem domicílio fixo").

A alternância entre perguntas frívolas ou irrisórias (relativamente, é certo, à situação e às preocupações das pessoas interrogadas: "Qual é o seu lazer preferido?") e perguntas capciosas feitas num tom amável ("É o trabalho declarado?" ou "Com o que você ocupa seus dias?") ou formuladas de modo irônico ("Vamos, vamos, aparentemente você não está com ar de doente...") confere à entrevista uma violência tanto mais injustificável porque, às vezes, é feita com toda inocência, com a consciência tranqüila daquele que tem a dupla legitimidade da ordem científica e da ordem moral.

Não se acabaria de enumerar os pressupostos que estão inscritos, de algum modo, na própria estrutura da relação de pesquisa, quando, como aqui, a dissimetria inerente ao interrogatório burocrático encontra na e pela distância entre os recursos e disposições sociais do pesquisador e os do pesquisado as condições de sua plena realização. A relação de força é tal que o interrogador não tem por que se inquietar em saber se os problemas que ele (se) coloca, problemas de instituição, que não têm interesse senão para o órgão solicitador da pesquisa, se colocam também para a pessoa para a qual ele os coloca.

O postulado fundamental de troca está, sem dúvida, inscrito nesta imposição de problemática, baseada na universalização do interesse particular das burocracias. Mas isso não é tudo. O inquérito, conduzido na lógica da suspeita, trata o pesquisado como dissimulador e como simulador potencial que se deve pegar na armadilha. Além das perguntas como os RMistas foram informados da existência do abono, sobre o que eles pensam da lei, sobre o item do orçamento doméstico ao qual se destina o RMI, há também todas aquelas que visam descobrir se o investigado não teria rendas não declaradas, se ele não disporia de outros recursos, se ele (ou antes ela, porque esta pergunta se dirige mais freqüentemente às mulheres) viveria sozinho como ele (ou ela) afirmam, se ele não teria requerido ao RMI para conseguir um seguro social. Como pesa sobre a suspeita da trapaça interessada e da falta de civismo, lhe é perguntado se ele vota, como uma correção no mesmo instante, que se quer cúmplice: "Não estamos perguntando para quem!"

Nos três casos relatados aqui, o de mulher que deixou seu marido artesão depois da morte do filho, de vinte anos de idade, e que, com quase 50 anos, não tinha a experiência de um emprego assalariado, o de um pequeno comerciante de 59 anos que tinha um pequeno bar num bairro popular, até sua doença que o impediu de ficar de pé, e o de um jovem que trabalha em manutenção, antigo aprendiz educado por sua avó porteira, após a morte de sua mãe, a interrogação atinge a violência do interrogatório. Perturbadas, desorganizadas, estas vidas não entram nas categorias previstas pelo questionário padrão, concebido para suscitar respostas

homogêneas e inversidade das seriam levar a sobrevivência. Os as censuras contêm dúvida a piedade, manifestações dos preconceitos são burguesa ou do mundo: eles um conjunto de composição "adequada" família, sobre os manter com ela, escolares ou pro nem uma "carreira" nome.

Quando a marido e que per que renunciou a um mês porque sua filhou de ter um filho com ela, gostaria instinto maternal se vê censurada que a investigada uma inversão dos filha sustenta a doméstica, mãe como numa dissimulação para você, estar sua filha crescer você?"

E que dizer de do-analítica sobre infância, que se apesar da resistidos a entrar nas lembranças de tudo muito longe bro, responde por vem doméstica infância de lar em seus pais. Ao pass

homogêneas e incapaz de captar a diversidade das situações que permitiriam levar a buscar um abono de sobrevivência. Os sinais de espanto, as censuras contidas e a condescendência, cuja forma suprema é sem dúvida a piedade, são igualmente manifestações dos pressupostos – ou dos preconceitos – constitutivos da visão burguesa ou pequeno-burguesa do mundo: eles comprometem todo um conjunto de postulados sobre a composição “adequada” de uma família, sobre os laços que se deve manter com ela, e sobre as “opções” escolares ou profissionais, que definem uma “carreira” digna desse nome.

Quando a mulher separada do marido e que perdeu o filho declara que renunciou a um emprego de um mês porque sua filha, estudante, acabou de ter um filho e que preferia ficar com ela, gostaria de ouvir dizer: “Seu instinto maternal foi mais forte!” Mas se vê censurada, além disso, pelo que a investigadora percebe como uma inversão dos papéis: “Como, sua filha sustenta a casa?” A uma jovem doméstica, mãe solteira, pergunta-se como numa dissertação: “O que é, para você, estar sozinha?” ou “Ver sua filha crescer é importante, para você?”

E que dizer dessa pergunta pseudo-analítica sobre as lembranças da infância, que se faz mecanicamente, apesar da resistência dos investigados a entrar nas confidências ou nas lembranças dolorosas? “Isso está tudo muito longe (...) eu não me lembro, responde por exemplo uma jovem doméstica que passou sua infância de lar em lar, sem conhecer seus pais. Ao passo que outros, como

o jovem da manutenção, que perdeu a mãe quando era criança, responde com seu silêncio:

Investigador – Você pode me falar de sua infância?

Investigado – [Silêncio].

Investigador – O que é que você tem como lembrança desse período?

Investigado – [Silêncio].

Investigador – Você não tem lembranças?

Investigado – Sim.

Investigador – Você não quer falar?... Está bem.

Sem nunca ser completamente conscientes e cínicos, os investigadores, conduzidos por suas disposições de classe, entram numa relação ambígua, de assistência e de vigilância, de proteção e de suspeita, e uma análise mais sistemática de um grupo mais amplo permitiria, sem dúvida verificar que a composição da equipe de investigação segundo o sexo, idade, origem social e a situação profissional afeta muito diretamente à maneira de coletar os dados, e de interpretá-los. Deste modo, tal hipótese da investigadora a respeito da moradia não tem sentido senão por referência a uma definição tácita do que é tido por conveniente em seu universo para uma família de “pobres” como a da investigada: “É caro! Eu pensava que você morasse em... [hesitação], num sala-quarto!” A investigada é obrigada a explicar, como que para se desculpar, que agora que ela vive com sua filha e seu neto, este apartamento de quatro cômodos é pouco mais caro para ela, graças ao

Investigado – Não! Não, mas enfim... ela se acostuma. [Silêncio] E eu também.

Investigador 1 – Sim, isso mudou, hein.

Investigado – Com certeza.

Investigador 1 – Você fez pequenos biscates antes de entrar para os PTT?

Investigado – Sim! Primeiro era cabeleireiro. No meu primeiro trabalho eu era cabeleireiro.

Investigador 1 – [Tom admirado] Que currículo! [Elevando a voz] Você tinha seu CAP?

Investigado – Sim.

Investigador 1 – E você usou...?

Investigado – Não muito tempo porque eu não recebia. Quatro anos somente. Naquele tempo, cabeleireiro morria de fome.

Investigador 1 – Ah, sim?

Investigador 2 – Em que época? Que ano?

Investigado – Entre 45... [pensa] 45 a 49.

Investigador 1 – Que lição você tirou do trabalho de cabeleireiro, primeiro, depois do emprego de...

Investigado – Que aprende-se um trabalho e depois não serve para muita coisa. Depende dos trabalhos. Eu não queria jamais ser cabeleireiro.

Investigador 2 – Ah bom, por que você foi fazer isso?

Investigado – Porque... eu queria ser carpinteiro de navio. Na época, o médico – ele morreu, felizmente – me achou muito magro. Eu era magro.

Investigador 2 – [Tom de zombaria] Você não parece magro agora, você se recuperou...

Investigado – É isso, eu era mesmo muito pequeno para ser um carpinteiro. Eles queriam grande e gordo os... e depois... e depois me propuseram... precisava trabalhar também – depois da guerra, era duro.

Os 'por que' repetidos convidam a uma reflexão retrospectiva sobre as intenções da ação e tendem assim a tornar a vítima responsável [também aos seus próprios olhos] por uma situação que se supõe ter desejado, pelo menos negativamente, ao se mostrar incapaz de a "segurar". Deste modo, a investigadora ironiza sobre o fato que o mesmo comerciante, cuja mulher, caixa do bar, continua a tomar conta dos papéis administrativos, não sabe se ele preencheu os papéis, se ele assinou o famoso "contrato de inserção" ("Para mim é grego") e ela então o chama à ordem.

Investigador 1 – E quando é que lhe pagaram?

Investigado – Dois ou três meses depois, eu acho, não sei exatamente; primeiro, eu não cuido disso, é minha mulher que cuida dos papéis.

Investigador 1 – Que cuida. E o senhor recebeu a quantia a partir de primeiro de janeiro ou...?

Investigado – Não, eu sei... eu não sei exatamente. Eu não cuido disso.

Investigador 1 – O senhor não sabe? [Tom de censura] o senhor sabe a quanto tem direito?

Investigado – Sim, 2300... 2300 [silêncio] e uns trocados talvez.

Investigador 2 – [O contrato de inserção] O senhor não sabe se o assinou ou não?

Investigado – Não sei.

Investigador 2 – De qualquer maneira foi o senhor que requereu o RMI, é o senhor que o recebe ou... é o senhor?

Investigado – Sim, sou eu.

Investigador 2 – Então é o senhor que deve ter assinado, normalmente...

Investigado – Eu não me lembro.

Investigador 1 – É em troca de um trabalho, portanto talvez o senhor não deveria se lembrar?

A discordância estrutural é geradora de mal-entendidos explícitos. Assim, a investigadora que não ouviu que o jovem da manutenção perdeu sua mãe quando tinha 12 anos, e que se preocupa mais com a regularidade dos laços familiares que com sua existência, pergunta se ele a vê sempre. “Ah, me desculpe”, diz ela, enquanto ele marca um silêncio espantado. E quando o rapaz diz que não vê seu pai, ela deduz que ele está morto, quando ele vive no estrangeiro. Do mesmo modo, o comerciante que tem um filho adulto morando na casa paterna se confunde na resposta quando a investigadora lhe pergunta, com um tom de certeza, a respeito de seus filhos:

Dois interrogatórios

Conservamos apenas dois estratos bastante longos que condensam todos os esquemas postos em prática num inquérito administrativo de controle. Solicitados, até intimados a revelar a situação de seus recursos e de sua saúde, sua maneira de viver, sua história familiar, sua intimidade, os RMIstas resistem seja pela brevidade de suas respostas, pela economia de palavras e pelo silêncio, seja, para os mais endurecidos, por diver-

“Que não vivem mais com o senhor, suponho?” “Não. Meu filho... vem à minha casa”. “Ele vive na m...? Não! Ele vem?” “Ele vem à minha casa. Ele mora na minha casa, digamos”.

Acontece também que a evidência absoluta de uma experiência de vida baseada no domínio do tempo (e do dinheiro) conduz a descasos que beiram o desprezo: assim, ao jovem da manutenção que conta numa mistura de amargura e de vergonha que ele “se deixou enganar”, na época em que ele trabalhava sem carteira assinada, por um empregador que não pagou seu salário, a investigadora pergunta se ele conseguiu ser pago normalmente... E, um pouco depois, quando ele diz não ter encontrado nada na ANPE, ela lhe pergunta num tom frívolo: “O que você foi fazer na ANPE?” E toda distância entre duas situações, e as duas visões correspondentes do mundo, explode na resposta, cheia de condescendência protetora que a investigadora dirige, num tom amável, a uma empregada doméstica que se diz pouco à vontade para dizer qual o seu trabalho: “Não é desonroso. É um trabalho que todas as mães conhecem.”

sas formas de encenação da miséria, sendo a mais freqüente o discurso para o assistente social.

A suspeita

A investigada explica, um pouco mal à vontade, que ela acumulou os infortúnios: atingida pela depressão depois que seu filho morreu de câncer, quando tinha vinte anos, ela separou-se do marido artesão, e vive agora com sua filha, estudante, que

acaba de ter u... com o neto a... durante a entre... um pouco inco... fortúnios, ela z... ao lembrar um... tar: sua saúde... depois desses...

Falta tanto... que, perseguim... verificar em qu... ram as preocu... se a requisiza... por ocasião do... obter a cobert... pelo RMI. Ignor... que a investiga... pontaneament... depressão, de... psicanálise, de... ma imunológico... envolve toda... questionário...

Investigador –... lista por sua pr...

Investigada – S...

Investigador – I...

Investigada – N... dois meses.

Investigador – I...

Investigada – N... nada a ver... En...

tura. Havia a m... via a separaçã... minha filha, e... tas, muitas cois...

Investigador – V... coisa dessa... F... dou ou...?

Investigada –... para meu filho... acho, para com...

acaba de ter um bebê [Ela veio, aliás, com o neto a quem dá a mamadeira durante a entrevista]. Como se fosse um pouco inconveniente ter tantos infortúnios, ela zomba de si mesma e ri ao lembrar um problema suplementar: sua saúde deteriorou-se, de fato, depois desses acontecimentos.

Falta tanto tato à investigadora que, perseguindo seu objetivo, tenta verificar em que momento apareceram as preocupações, para controlar se a requisição do RMI não foi feita por ocasião dos tratamentos, e para obter a cobertura social garantida pelo RMI. Ignorando as informações que a investigada lhe havia dado espontaneamente a propósito de sua depressão, de sua tentativa com a psicanálise, de sua doença do sistema imunológico, a investigadora desenvolve toda a parte médica do questionário.

Investigador – E você foi ao psicanalista por sua própria iniciativa?

Investigada – Sim.

Investigador – Fez análise ou...

Investigada – Não (...). Eu fiz durante dois meses.

Investigador – Depois da separação?

Investigada – Não, não, isso não tinha nada a ver... Enfim era tudo uma mistura. Havia a morte do meu filho, havia a separação, havia a situação de minha filha, eram muitas coisas. Muitas, muitas coisas.

Investigador – Você aprendeu alguma coisa dessa... Parece que isso a ajudou ou...?

Investigada – Eu creio que, talvez, para meu filho eu levei dois anos, eu acho, para compreender verdadeira-

mente as coisas. Nesse caso eu também teria levado algum tempo.

Eu levei algum tempo para compreender as coisas mas eu chegaria a isso sozinha. É isso, eu teria feito minha análise sozinha. Mas como havia um problema de saúde que se juntava a isso...

Investigador – Ah bom você tinha...

Investigada – Sim, um... [riso embarçado] problema de saúde, era uma coisa também. Portanto, era muito urgente que alguém me... que algum outro tentasse me ajudar; mas isso me ajudou porque eu falei (...)

Investigador – Vamos falar de sua saúde, pois você me disse que tem problemas. Depois, a quanto tempo você tem...?

Investigada – Oh isso faz [suspiro]... 82, em 82 me examinaram porque eu tinha alergias, eu tinha eczemas, urticária, então e até 86 eu fiz todos os exames e o médico me disse: "Dona F. a senhora é alérgica a tudo, então a senhora toma isto e dê-se por satisfeita".

Investigador – O que era, um antialérgico?

Investigada – Não, não...

Investigador – Ah sim, você é alérgica a tudo!

Investigada – É isso, eu era alérgica a tudo. E depois um dia eu pensei, eu disse, bom, bem, a morte de Eric transtornou a todos e pode ser que o mal, que o sofrimento saia assim; e desde o dia em que eu compreendi isso, pouco a pouco foi embora.

Investigador – Sim, a senhora realmente fez a sua análise.

Investigada – Sim, eu fiz mas levei tempo para fazê-la. E depois eu não compreendia de jeito nenhum. E quando eu tive problemas com meu marido, enfim, problemas... de novo, recomeçou. Mas aí foi muito mais sério. E começaram todos os exames no hospital. Depois percebeu-se que havia um problema de imunidade, então eu tive uma doença auto-imunitária.

Investigador – E a senhora continua o tratamento?

Investigada – Sim.

Investigador – Você vai regularmente a...

Investigada – Sim, todos os meses. Eu tomo cortisona, já faz [em que mês estamos? estamos em outubro] isso deve fazer oito meses.

Investigador – E será que o fato de receber o RMI lhe permite também ter a cobertura social?

Investigada – Não era, não era realmente isso.

Investigador – Não, mas eu não sou policial, mas dentro da lógica, eu procuro as coisas lógicas, isto é, seu nome nunca aparecerá em lugar nenhum. Eu tento pensar em termos simplesmente de trajetória, porque isso corresponderia mais à cobertura social que à moradia.

Investigada – Não, quando requeri o RMI, as investigações não haviam sido feitas, quero dizer, a doença nem havia sido descoberta; providências oficiais não tinham sido tomadas. E isso só foi feito em abril, no mês de abril. Então como eu era beneficiária desde o mês de janeiro, quero dizer, nada foi feito... Mas devo reconhecer que agora com todo...

Investigador – São tratamentos caros?

Investigada – Os tratamentos não, mas os exames sim.

Investigador – Quer dizer, lhe fizeram exame de...

Investigada – Os exames, há as análises de plaquetas, enfim, durante um tempo era de dois em dois dias, de três em três dias, depois disso foi se espaçando pois se tinha estabilizado, depois disso foi toda semana, depois disso a cada duas semanas e agora a cada três semanas. E o tratamento vai acabar normalmente (...); mas houve exames dos olhos porque eu tomava um remédio enquanto que agora eu tomo cortisona (...) e depois a hospitalização também (...) no começo me hospitalizaram porque eles não sabiam o que era. Depois eles pensavam que fosse um vírus, depois disseram que era outra coisa e depois, depois eu fui hospitalizada porque as plaquetas tinham caído muito baixa, é isso (...).

Investigador – Sim, sobre a história do RMI, que permite enfim uma proteção social, o que é que você pode dizer sobre isso?

Investigada – Eu digo que é importante, que é muito importante.

Investigador – Sim, porque há efetivamente o aspecto financeiro, ajuda imediata, mas há também esse direito a ter cobertura.

Investigada – É verdadeiramente muito, muito, muito importante. Eu quero dizer que sendo desse modo é verdadeiramente de grande ajuda e uma grande preocupação a menos. Verdadeiramente uma grande preocupação a menos (...).

Investigador – [Retoma seu questionário] agora o que é que a senhora... a senhora dorme bem?

Investigada – Admirada, insi...
isso eles perg...

Investigador – ...
noite?

Investigada – ...
inho insônia.

Investigador – ...
dormir?

Investigada – ...
qüilizantes].

Investigador – ...
desejos? Desej...

Investigada – [F...

Investigador – ...
de nada? Voo...
sombrios?

O tribunal do

Duas invest...
outra um pouco...
da, estão diante...
mercante, doer...
da aposentador...
mércio depois d...
rúrgica, com a v...

Se a situaçã...
rosa [vê-se des...
ta, quando o im...
"vergonha" em...
se trabalhou un...
gar a isso... he...
ditar num cas...
voluntariamente...
parte das perg...
feita duas veze...
investigadora jo...

Investigada – Não [rindo, eleva a voz, admirada, insistindo sobre o isto]. Até isso eles perguntam?

Investigador – Sim... Você acorda de noite?

Investigada – Oh, sim [rindo]. Eu tenho insônia.

Investigador – Você toma pílulas para dormir?

Investigada – Não. No máximo [tranqüilizantes].

Investigador – No entanto, você tem desejos? Desejos, prazeres. Não?

Investigada – [Ri]. Não.

Investigador – Você não tem vontade de nada? Você tem pensamentos sombrios?

Investigada – Não... Oh, algumas vezes mas não...

Investigador – De tempos em tempos...?

Investigada – De tempos em tempos.

Investigador – Você tem dificuldade de concentração?

Investigada – Sim.

Investigador – Um pouco, muito? Ou nada...

Investigada – Não, um pouco.

Investigador – Falta de memória?

Investigada – Bem, é a idade.

Investigador – E sintomas respiratórios, dificuldades de respirar, sufocações...?

Investigada – Sim, claro... Mas é da doença e às vezes há uma pequena depressão, é tudo.

O tribunal do bom senso

Duas investigadoras, uma jovem, outra um pouco mais idosa, voz aguda, estão diante de um pequeno comerciante, doente, próximo da idade da aposentadoria, que desistiu do comércio depois de uma intervenção cirúrgica, com a voz cansada, abatida.

Se a situação não fosse tão dolorosa [vê-se desde o início da entrevista, quando o investigado fala de sua "vergonha" em ser RMIsta: "quando se trabalhou uma vida inteira... chegar a isso... hein!"], poder-se-ia acreditar num caso cômico repetido voluntariamente encenado. Uma boa parte das perguntas é efetivamente feita duas vezes, uma primeira pela investigadora jovem (*Investigador 1*),

depois pela responsável local da investigação (*Investigador 2*), que chegou mais tarde. As mesmas perguntas, a mesma admiração, os mesmos comentários e, enfim, a mesma incompreensão. Só no fim que o velho homem protesta por ter que "expor assim o seu currículo".

[...]

Investigador 1 – Como é que o senhor tomou conhecimento do RMI? Como o senhor ouviu falar dele?

Investigado – Por uns e outros. E depois um pouco por necessidade também.

Investigador 1 – Sim, como o senhor fez, como é que isso se passou para...?

Investigado – Eu fui me inscrever no emprego e...

Investigador 1 – No emprego, [traduzindo imediatamente para a linguagem institucional] quer dizer... o senhor esteve na ANPE?

Investigado – Sim, eu me inscrevi mas eu não procurava emprego. Na minha idade...

Investigador 1 – Qual é a sua idade, senhor?

Investigado – Eu vou fazer 60 anos. Em agosto eu terei essa idade. 59 digamos.

Investigador 1 – E quando se inscreveu na ANPE, o que é que o senhor era?

Investigado – Antes eu era comerciante.

Investigador 1 – Qual era o seu ramo de comércio?

Investigado – Um bar.

Investigador 1 – Voltemos à experiência profissional um pouco mais adiante [no questionário]; então o senhor esteve na ANPE, o senhor não tinha mais direito... de indenizações, nem nada, e aí... onde lhe falaram do RMI? Foi uma pessoa da ANPE, então?

Investigado – Sim.

Investigador 1 – Foi o senhor mesmo que esteve lá?

Investigado – Sim.

Investigador 1 – O que ela lhe... aconselhou?

Investigado – [Silêncio] Ela me disse que eu tinha direito a alguma coisa. Só isso.

Investigador 1 – O que o senhor sentiu quando recebeu o primeiro abono?

Investigado – [Muito baixo] Um sentimento de vergonha.

Investigador 1 – Por quê?

Investigado – Porque, quando se trabalhou a vida inteira... [muito baixo, num sopro]... chegar a isso...

Investigador 1 – [Surpresa] O senhor trabalhou a vida inteira e não tem direito a nada?

Investigado – Sim, mas dentro de um ano, eu só receberei minha aposentadoria em um ano.

Investigador 1 – Ah! É isso! A situação, nesse caso, é provisória...

Investigado – É isso.

Investigador 1 – Quando o senhor parou de trabalhar?

Investigado – Fim de 89, novembro de 89, fim de novembro de 89.

Investigador 1 – E por que o senhor parou?

Investigado – Porque eu não pude mais trabalhar.

Investigador 1 – O senhor estava...?

Investigado – Doente.

Investigador 1 – O senhor estava doente?

Investigado – Eu tinha problemas nas pernas, foi preciso me operar.

Investigador 1 – Espere, porque há uma coisa sobre a saúde [no questionário], eu vou passar diretamente para lá; então, o que o senhor sentia nas pernas?

Investigado – Um..., varizes, uma doença da circulação do sangue.

Investigador 1 – E atrás do balcão, o senhor ficava sempre de pé?

Investigado – É isso.

Investigador 1 – O senhor foi operado?

Investigado – Sim.

Investigador 1 – Quando?

Investigador
abril. 28 d
lembro ma

Investigador
cama?

Investigador

Investigador

Investigador
uns dez di

Investigador
decidiu pa
ração que

Investigador
mesmo po

Investigador
o senhor e

Investigador
de trabalh

Investigador
mais traba
médicos
eu melhor
tenho mai

Investigador
conversa]
trato de in

Investigador
vras, para
me ocupe
completa
peito.

Investigador
que...

Investigador
[riso].

Investigador
zeram as
mente, is
Estado in
quer dizer

Investigador

Investigado – [Num sopro] Fim de abril. 28 de abril, eu acho. Não me lembro mais.

Investigador 1 – E o senhor ficou de cama?

Investigado – Sim.

Investigador 1 – Quanto tempo?

Investigado – Digamos uma dezena... uns dez dias.

Investigador 1 – E foi aí que o senhor decidiu parar? Foi depois dessa operação que o senhor decidiu...

Investigado – Ah bem, não, foi antes mesmo porque eu não podia mais.

Investigador 1 – Faz muito tempo que o senhor está parado?

Investigado – Parado, não. Eu parei de trabalhar porque eu não podia mais trabalhar. E isso, por Deus, os médicos me operaram mas... Bom, eu melhorei; mas não é isso, eu não tenho mais 30 anos, é isso.

Investigador 1 – [Tom informal de conversa] O senhor assinou um contrato de inserção?

Investigado – O que é? Essas palavras, para mim, são grego. Eu nunca me ocupei de papeladas... Eu sou completamente ignorante a esse respeito.

Investigador 1 – É sua mulher de fato que...

Investigado – É a minha secretária [riso].

Investigador 1 – Quer dizer, não o fizeram assinar o contrato pessoalmente, isto é, em troca do RMI, o Estado induz as pessoas a se inserir, quer dizer...

Investigado – Não, não.

Investigador 1 – O senhor não assinou?

Investigado – Não sei. Eu não me lembro.

Investigador 1 – O que o senhor acha dessa lei?

Investigado – É boa, mas... É boa.

[...]

Investigador 1 – [Levanta a voz] Então nós vamos começar pelos seus empregos, o último então é esse bar, o senhor trabalhou lá desde quando?

Investigado – Desde 74, sim 1974.

Investigador 1 – Então o senhor comprou o... (...) Como o senhor decidiu adquirir esse bar, como o senhor teve essa idéia?

Investigado – Oh bem, foi esquisito. Minha mulher era contadora e ela teve... Ela estava deprimida, ela precisava trocar de trabalho. Para fazer o quê? Eu estava nos PTT e tinha me demitido. E nós compramos um negócio. É isso.

Investigador 1 – O que o senhor fazia nos PTT?

Investigado – Eu era heliogravador. Antes eu trabalhava nas linhas e depois eu passei a heliogravador. Edição, difusão de plantas.

Investigador 1 – Sim, entendi. E antes o senhor era...

Investigador 2 – Bom dia, bom dia, senhor.

Investigador 1 – A senhora que cuida da investigação.

Investigador 2 – Eu... eu não pensei que o senhor já tinha começado... Não se descansa...

Investigador 1 – Começamos agora mesmo. Este senhor tinha um bar, mas acaba de parar de trabalhar lá, ele espera sua aposentadoria...

Investigado – Vai fazer um ano.

Investigador 2 – Onde era seu bar?

[Com um tom cansado, o homem cita o bairro popular onde ele trabalha e que ele já descreveu antes.]

Investigador 1 – O senhor foi à escola até que idade?

Investigado – 14 anos.

[...]

Investigador 1 – Então o senhor conseguiu seu CAP depois?

Investigado – Depois.

Investigador 1 – Sim. Então o senhor o recebeu, aos 16 anos, não?

Investigado – 16 anos e meio. Aos 16 anos e meio, eu tinha o CAP.

Investigador 1 – E na escola, foi tudo bem?

Investigado – Bem, eu não fui muito lá, porque havia a guerra e eu estava... como se diz... evacuado. Sim. Isto é, durante três anos e meio, quatro anos eu não fui à escola.

Investigador 2 – E onde o senhor esteve durante a guerra, então?

Investigado – Nos Pirineus.

Investigador 2 – Nos Pirineus? Com sua família...

Investigado – Não, não, não. Sozinho.

Investigador 1 – Sozinho?

Investigador 2 – Sim, enfim... Numa instituição?

Investigado – Numa fazenda.

[...]

Investigador 2 – ... E por que o senhor foi evacuado?

Investigado – Porque eu tinha medo. Quando a sirene tocava eu desmaia-va.

Investigador 2 – Foram seus pais que decidiram isso?

Investigado – Bem, sim, foi o médico, não era normal.

Investigador 1 – E lá na fazenda, o senhor trabalhava?

Investigado – Sim. Aliás tudo isso me agradava.

Investigador 2 – Sim, isso lhe agradava, o senhor guarda uma boa lembrança da...?

Investigado – É, sim e não. Era triste.

[...]

Investigador 1 – Portanto a escola, é uma boa razão,... o senhor deixou aos 10 anos? O senhor deixou...?

Investigado – Na hora certa, eu deixei a escola quando era mais importante.

[...]

Investigador 1 – Bom. O contrato de inserção, o senhor não o assinou, eu acho, enfim...

Investigador 1 – [Explica] Sua mulher é a sua secretária.

Investigado – É minha mulher que se ocupa de tudo, eu nunca me ocupei dos papéis.

Investigador 2 – Eu não sei, eu não tenho o processo. O senhor não sabe se assinou ou não?

Investigado – Eu não sei.

Investigador
ra foi o se
senhor que

Investigado

Investigador
deve ter ass

Investigado

Investigador
trabalho, p
talvez ter se

Investigado

Investigador

Investigado
estágio?

Investigador
tão esperat

Investigado
retoma ma
tro anos, de
os PTT ou

Investigador
eu fiz bisca
preciso tra
PTT.

Investigador
do, o senh

Investigado

Investigador
num cabel

Investigado

Investigador
senhor pa
ou, quer d
trabalhos.

Investigado
Eu semp
vesse dir

Investigador
ainda dem

Investigador 2 – De qualquer maneira foi o senhor que pediu o RMI, é o senhor que recebe ou... é o senhor?

Investigado – Sim, sou eu.

Investigador 2 – Então é o senhor que deve ter assinado, normalmente...

Investigado – Eu não me lembro.

Investigador 1 – É em troca de um trabalho, portanto o senhor deveria talvez ter se lembrado disso?

Investigador 2 – Ou de um estágio?

Investigado – Não, eu não fiz estágio.

Investigador 1 – Propuseram-lhe um estágio?

Investigado – Não. Há jovens que estão esperando... Eu não vou...

Investigador 1 – [Folheia as páginas, retoma mais atrás] Cabeleireiro, quatro anos, depois o senhor entrou para os PTT ou...?

Investigado – Não, não diretamente, eu fiz biscates, a torto e a direito. Era preciso trabalhar. Eu voltei para os PTT.

Investigador 1 – O senhor tinha parado, o senhor tinha seu salão, não...?

Investigado – Não, não, não.

Investigador 1 – O senhor trabalhou num cabeleireiro...

Investigado – Como empregado...

Investigador 1 – Empregado, sim, e o senhor parou, o senhor fez biscates ou, quer dizer, o senhor fez pequenos trabalhos...

Investigado – De uma fábrica a outra. Eu sempre trabalhei. Eu ia onde houvesse dinheiro a ganhar, é tudo.

Investigador 2 – E sua aposentadoria ainda demora quanto tempo?

Investigado – Dez meses [longo silêncio].

Investigador 2 – E enquanto espera, como o senhor se ocupa, o senhor faz pequenos biscates...

Investigado – Não. Não, não. Eu saio, vou à casa de minha irmã, ela vendeu sua casa, faço pequenos trabalhos no jardim, eu me ocupo, digamos.

Investigador 2 – [Assume um tom tranqüilizador, querendo dizer que ele pode falar do trabalho sem carteira assinada à vontade] Porque nós, nós não temos nada a ver com a assistência social, nós não estamos aqui para... o senhor compreendeu bem, nós não somos...

Investigado – Sim, ela me explicou, a senhora [a investigadora 1]. A senhora me explicou...

Investigador 2 – ... para... Se o senhor faz pequenos biscates, isso nos interessa, se o senhor quer saber, num plano mais científico de saber qual é o peso dos pequenos trabalhos, então o senhor poderá nos dizer, nós não vamos contar...

Investigado – Não, não, não, não. Nenhum trabalho sem carteira assinada.

Investigador 2 – Não, porque o senhor poderia eventualmente, o senhor é... o senhor aparentemente não tem nenhum problema de saúde...

Investigado – Sim, as pernas. Agora isto é ruim para mim.

Investigador 1 – Então o senhor vai cuidar do jardim? [Como se se tratasse de uma coisa imprópria].

Investigado – Cuidar do jardim... Eu me ocupo, é verdade.

Investigador 2 – Como o senhor se ocupa, seu dia ou...? Além de vir nos ver, mas isso não é sempre!

Investigado – Eu trato do jardim, eu leio, eu... Eu ando, eu devo andar, eu ando. Não é brincadeira.

Investigador 2 – Era a casa de seus pais...?

Investigado – De meus pais.

Investigador 2 – É raro hoje em dia ver pessoas que são...

Investigado – Além disso vão demolir a casa para a gente ser realojado 200 metros mais adiante. Veja bem, não é uma pena porque é um pouco... (...).

Investigador 2 – E o que acontece ao saber que a casa vai ser demolida, que [hesitação, se refaz] sua casa...

Investigado – Há um ano que eu já sei. Isso me deixou doente. Eu fiquei doente. E depois, agora, no fundo, eu estou contente, eu vou morar num lugar novo. Porque aqui, são remendos.

Investigador 2 – Será que o fato de saber que a casa de seus pais seria demolida, pois é a casa da família, teve influência no seu trabalho, o que o senhor acha?

Investigado – Não, não, não [longo silêncio].

Investigador 1 – É uma casa, isto é, é um pequeno pavilhão? Ou é um apartamento?

Investigado – Não, é uma barraca. Geminada.

Investigador 1 – E seus pais moraram com o senhor?

Investigado – Eu sempre morei com meus pais.

Investigador 1 – Ah sim?

Investigado – Eu me casei, eu voltei para casa.

Investigador 1 – Havia bastante lugar?

Investigado – Sim.

Investigador 2 – E o senhor não tinha... O senhor tinha filhos?

Investigado – Uma filha que tem 37 anos e um filho de 36.

Investigador 2 – [Tom de certeza] Que não vivem mais com o senhor, eu suponho?

Investigado – Não. Meu filho... Ele vem em casa.

Investigador 2 – ele vive na m... não, ele vem?

Investigado – Ele vem à casa. O domicílio dele é comigo, digamos.

Investigador 1 – Seu filho trabalha, não?

Investigado – Sim! Ele está nos PTT.

Investigador 1 – Ele está nos PTT, ele... [silêncio]. E sua filha?

Investigado – Minha filha não trabalha.

Investigador 1 – Ela é casada?

Investigado – Ah, sim, agora ela trabalha. Ela trabalha... Ela está se divorciando, ela está...

Investigador 2 – [Rindo] Isso não é um trabalho...!

Investigado – Não, ela trabalha, onde é que ela trabalha? No liceu, liceu... do lado das Allées, lá, eu não sei, há um liceu?

Investigador 1 – Num liceu, ela é inspetora ou...?

Investigado – Sim, eu não sei, ela inicia os garotos à... [repete] ela inicia... será possível! Oh, eu não vou encontrar o nome...! Tem informática.

Investigador [espanto] Ah informática.

Investigado – ploma mas não acho, ela fez

Investigador sim! (...)

Investigado – é... ele não e mas é como s

Investigador cada sílaba] diz.

Investigado – isso.

Investigador 2 os burocratas

Investigador seus pais, ela

Investigado – HLM.

Investigador mo, desde qu

Investigado – em 31.

Investigador tão naquela casa?

Investigado –

Investigador pais e seus seus pais est

Investigado –

Investigador são dois?

Investigado –

Investigador tamanho?

Investigador 1 – [Manifestando seu espanto] Ah sim! Ela lida com informática.

Investigado – Sim, ela tirou algum diploma mas não num alto nível, eu não acho, ela fez um estágio...

Investigador 1 – [Tom surpreso] Ah sim! (...)

Investigado – Meu filho também, ele é... ele não está vivendo em família, mas é como se estivesse.

Investigador 2 – Ele vive [destaca cada sílaba] maritalmente. Como se diz.

Investigado – Vive maritalmente, é isso.

Investigador 2 – [Rindo] Como dizem os burocratas.

Investigador 1 – E a casa ela é de seus pais, ela é de...

Investigado – Ah não, não, não, é dos HLM.

Investigador 1 – E é sempre o mesmo, desde quantos anos?

Investigado – Desde 1930. Eu nasci em 31.

Investigador 1 – E vocês viviam, então naquela época... em seis nessa casa?

Investigado – Sim.

Investigador 1 – Duas crianças, os pais e seus pais... Certo. E agora seus pais estão...

Investigado – [Silêncio] Faleceram.

Investigador 1 – Então agora vocês são dois?

Investigado – Sim, somos dois.

Investigador 1 – Há muitos, é de que tamanho?

Investigado – Três quartos (...).

Investigador 1 – Sim... há todo o conforto na sua casa?

Investigado – Não mais. Está velha, é... além disso eu não faço mais nada, eu queria forrar as paredes, eu não posso mais subir a escada, de qualquer maneira vamos deixar ficar, durante um ano vamos viver assim.

Investigador 1 – Como passou sua infância, o senhor morava...

Investigado – Muito bem.

Investigador 1 – O senhor morava, então... O senhor tem irmãos e irmãs?

Investigado – Sim.

Investigador 1 – Quantos?

Investigado – Nós éramos cinco garotos e uma menina. Dois morreram, os dois mais velhos morreram.

Investigador 1 – Eles morreram quando eram jovens, crianças, ou...

Investigado – Não, um com 44 anos e outro com 50...

Investigador 1 – Entendi, então vocês eram uma família de seis...

Investigado – Eu era o mais novo dos meninos.

Investigador 1 – Vocês viviam naquela casa...

Investigado – Sim, lá era muito pequeno, em compensação.

Investigador 1 – [Em coro] Lá era muito pequeno.

Investigador 2 – Lá, sim, isso deveria ser... e o senhor viveu...

Investigado – Sim.

Investigador 2 – [Tranqüilizadora] Nós dizemos que nos falta espaço,

mas na época, havia muita gente que vivia ainda...

[...]

Investigador 1 – [Tom sério] Houve algum acontecimento particular na sua infância que desempenhou um papel importante, será que o senhor se lembra de alguma coisa marcante...?

Investigado – A guerra... a guerra, em primeiro lugar.

Investigador 2 – É uma boa parte.

Investigador 1 – A guerra, seus desmaios...

Investigado – Sim, mas isso não significava nada. Meu irmão deportado, houve muitas coisas enfim... [mostra que não quer falar mais no assunto] foi há muito tempo, agora não se pensa mais nisso.

Investigador 2 – E o que morreu com 44 anos foi deportado?

Investigado – Sim, ele morreu do coração, ele era cardíaco.

Investigador 2 – Sim, mas enfim será que...?

Investigado – Não, não foi disso.

Investigador 2 – [Tom compadecido] Não, porque os deportados foram privados de tudo...

Investigado – Sim, sim. Mas enfim o motivo não foi esse. Desde jovem ele já era doente do coração.

Investigador 2 – Ah sim, Entendi. Isso não ajudou nada [silêncio].

Investigado – Isso não o ajudou em nada.

Investigador 1 – E o senhor tem lembranças de sua infância, de sua família, de seus pais, o que eles faziam? Seu pai era...

Investigado – Meu pai trabalhava no porto. E minha mãe em casa. Eu a conheci em casa.

Investigador 1 – Ele trabalhava em que, no porto?

Investigado – Era contramestre.

Investigador 1 – O senhor tinha... bem... como iam financeiramente?

Investigado – Ah sim! Sim... com certeza, não se nadava em ouro, mas havia tudo que se precisava.

Investigador 1 – É uma família unida?

Investigado – Muito [Silêncio].

Investigador 1 – E o senhor vê os seus irmãos e irmãs?

Investigado – Sim, sim.

Investigador 1 – Sim, regularmente?

Investigado – Sim, nós nos vemos.

Investigador 1 – E o senhor os recebe na sua casa, o senhor vai à casa deles ou...?

Investigado – Eu vou à casa deles, eu não os recebo agora porque a casa não está em boas condições, eu não os recebo. Mas nós nos vemos.

Investigador 1 – Na casa deles então? E, bom, o senhor sai freqüentemente de seu bairro ou...?

Investigado – Não. Digamos que agora eu vivo como os velhos.

Investigador 1 – O senhor sai quantas vezes? Uma vez por semana?

Investigado – Não, eu não saio. Não, eu não saio. Quer dizer, espetáculos, coisas do gênero? Não... Nunca mais.

Investigador 2 – [Tom meloso] Qual é o seu lazer preferido?

Investigado – É a pesca. A pesca e a caça. E o futebol também... Agora eu olho os outros...

[...]

Investigador
teve contato

Investigado

Investigador
blema, em s

Investigador
do o senhor
tão?

Investigador
ria requerido
existia.

Investigador
o senhor me

Investigado

Investigador
aconselhar

Investigado

Investigador
preencheria
mento dos r

Investigado
nho recursos

Investigador
senhor está

Investigado
ano passado

Investigador
gunta já feita
senhor tinha
balho, não?

Investigado

Investigador

Investigado
mais trabalh

Investigador
razões de sa

[O investigad
que não foi f

[...]

Investigador 1 – E o senhor nunca teve contato com os agentes sociais?

Investigado – Nunca.

Investigador 1 – Ninguém teve problema, em sua família?

Investigador 2 – É justamente quando o senhor teve de pedir o RMI então?

Investigado – Sim. Enfim eu não o teria requerido, eu não sabia que... isso existia.

Investigador 1 – É a ANPE, na ANPE o senhor me disse?

Investigado – Deve ser na ANPE, sim.

Investigador 2 – Foram eles que o aconselharam?

Investigado – Sim.

Investigador 2 – [Meloso] E o senhor preencheria as condições de recebimento dos recursos?

Investigado – Sim, porque eu não tenho recursos.

Investigador 2 – Há quanto tempo o senhor está nessa situação?

Investigado – Desde novembro do ano passado, 89, digamos.

Investigador 2 – [Retoma uma pergunta já feita] E por que o bar que o senhor tinha... o bar, foi seu último trabalho, não?

Investigado – Sim, sim, sim.

Investigador 2 – Por que motivo...?

Investigado – Porque eu não podia mais trabalhar.

Investigador 2 – Ah! Entendi, foi por razões de saúde.

[O investigado conta a venda do bar, que não foi fácil, o café estando num

bairro popular. As investigadoras comparam o estilo do bar aos cafés chiques da cidade.]

Investigador 1 – E o senhor conhecia as pessoas... O RMI, o senhor não ouviu falar muito dele, é verdade?

Investigado – Não, aliás, eu não falo mais dele.

Investigador 1 – Sim, o senhor não fala mais?

Investigado – Não, de jeito nenhum.

Investigador 2 – O que é que o senhor pensa do RMI, da lei sobre o RMI?

Investigado – É bom mas... Não deveria existir.

Investigador 2 – Como?

Investigado – Eu não sei. Tem-se a impressão, pelo menos eu pessoalmente, isso me incomoda muito.

Investigador 2 – Não mas isso é importante, o que o senhor me dizia... um pouco...

Investigado – Mas eu quase tenho vergonha, eu já lhes disse antes. Tem gente, faz alguns anos que eles se aproveitam disso e... é bom para as pessoas idosas. Que se as ajude [como se falasse para ele mesmo]. Mas se falta trabalho, os jovens não podem inventar o trabalho...

Investigador 2 – O senhor tem um pouco de vergonha. Por quê? O senhor poderia me explicar um pouco...

Investigado – Mas eu não sei! Porque depois de ter trabalhado, eu não deveria precisar disso.

Investigador 2 – O senhor acha que tendo trabalhado toda a sua vida...

Investigado – Sim, é isso, sim. Contar sua vida e tudo... Não, não concordo com isto.

Investigador 2 – [Escandalizada] Ah não, mas o senhor não é obrigado!

Investigado – Não, de acordo, mas enfim fala-se...

Investigador 2 – Para o senhor entender melhor, nós estamos um pouco desligadas do RMI local.

Investigado – Em qualquer lugar que seja, em todo lugar, deve-se mostrar o curriculum.

Investigador 2 – [Tom exausto] Sim, em toda parte, que sejam assistentes sociais, em toda parte, na ANPE...

Investigado – É isso!

Investigador 2 – ... Deve-se mostrar... Isso lhe desagrada...

Investigado – Ah sim enormemente! Mesmo de ter de vir aqui...

Investigador 2 – Então nós vamos lhe agradecer duplamente nesse caso... [Risos] porque isso nos ajuda...

Investigador 1 – Outro tanto mais, podemos lhe dizer, os homens quase nunca vêm ao nosso encontro.

Investigado – Sim? Ah bom?

Investigador 1 – As mulheres vêm muito, mas os homens, eles têm mais o que fazer ou então, ... eu não sei.

Investigado – Olha, honestamente, se eu soubesse, talvez não tivesse vindo. Foi minha mulher que...

Investigador 1 – Oh nós não somos más! [Risos]

Investigado – Certo, mas enfim... é um pouco constrangedor.

Investigador 2 – [Untuosa] O senhor sabe, eu compreendo que efetivamente o senhor vive um pouco incomodado...

Investigado – No entanto, a gente tem um pouco de orgulho.

Investigador 2 – Sim, perfeitamente, eu compreendo que o senhor vive aborrecido, isto dito para nós, nós vemos muito...

Investigado – Para a senhora não muda nada. Sim, isto eu compreendo, certo.

Investigador 1 – Sim e aliás para nós, nós fazemos nosso trabalho, por isso quanto mais elementos... Aliás ao mesmo tempo é um contato...

Investigado – Sim, certo, eu compreendo.

Investigador 2 – Pode ser que se precise ter efetivamente materiais... como a senhora [a primeira investigadora] deve ter lhe explicado o motivo de...

Investigado – Sim...

Investigador 2 – [Encontra enfim um argumento] O senhor participa de uma pesquisa científica. O senhor compreende? [Risadas].

Investigado – Está muito bem. Eu servi para alguma coisa.

Investigador 2 – [Riso] Um pequeno elo da grande corrente...

Investigado – Um elo muito pequeno então.

Investigador 2 – Não, são os pequenos elos que fazem as grandes correntes. (...) De outro modo, o senhor acha que é verdadeiramente muito incômodo cada vez, ser obrigado a repetir...

Investigado – Ah sim, sim!

Investigador 1 – Contar sua vida?

Investigado – Ah sim. Sim, sim,... É muito desagradável.

Pierre I

Pós-escr

O mundo po
internas, seus p
políticos capaze
dicações de seus
primeiro plano e
bates de televisã
biente tranqüil
toda a vida cotid
cia. Os jornaliss
poderes intern
portanto a urgên
bre os problema
prudentes; e o
universo político
se fazer valer m
como os da ciên
existem os que
ção, sobre a poli
cia, sobre o man
linguagem dele
todo transe, e nã
preocupar dema
perguntas mal

No entanto
de encontrar su
nos delírios da
inexprimíveis, e
apenas da categ
mais forte, assa